

Liliane Feitoza



8º

Extra, extra um guia para o seu jornal escolar



Liliane Feitoza

Extra, extra

um guia para o seu jornal escolar

Editor

Lécio Cordeiro

Capa, projeto gráfico,
editoração eletrônica e
ilustrações:

Box Design Editorial

Revisão de texto

Suélen Franco

Consultexto

Fizeram-se todos os esforços para localizar os detentores dos direitos dos textos contidos neste livro. A editora pede desculpas se houve alguma omissão e, em edições futuras, terá prazer em incluir quaisquer créditos faltantes.

Impresso no Brasil.

Reprodução proibida.
Art. 184 do Código Penal
e Lei nº 9.610, de 19 de
fevereiro de 1998.

Direitos reservados à

Editora Prazer de Ler Ltda.

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Feitoza, Liliane

Extra, extra : um guia para o seu jornal escolar :
8º ano / Liliane Feitoza. -- 1. ed. -- Recife, PE :
Prazer de Ler, 2023.

ISBN 978-85-8168-822-0

1. Língua portuguesa (Ensino fundamental)
2. Textos jornalísticos I. Título.

23-149195

CDD-372.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Língua portuguesa : Ensino fundamental 372.6

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

ISBN aluno: 978-85-8168-822-0

ISBN professor: 978-85-8168-852-7

Apresentação

Na maioria das vezes, não há informações sobre nós nos jornais. As páginas ou o tempo dos programas jornalísticos parecem se ocupar de outras pessoas e de outros lugares, às vezes, muito distantes. Imagine como seria interessante ter um jornal que falasse para você e para os seus amigos, que priorizasse os acontecimentos próximos e discutisse assuntos que interferem claramente na sua vida. Se esse jornal não existe, talvez você mesmo possa criá-lo.

Neste livro, propomos uma tarefa audaciosa: criar um jornal para a sua escola. É claro que o jornal criado não será um veículo de comunicação profissional, da mesma forma que este livro não é um curso básico de Jornalismo. O que faremos é conhecer um pouco essa atividade, com o interesse de realizá-la de forma amadora, com a finalidade de aprender para a diversão e o exercício de nossa curiosidade.

Para isso, vamos conhecer um pouco sobre o jornalismo, atentando para alguns conceitos essenciais e utilizando-os para orientar modos de fazer, que incluem: propor temas, entrevistar pessoas na escola, tirar fotos e produzir textos. Por fim, ainda vamos refletir sobre algumas responsabilidades que vêm da condução de um jornal, mesmo que esse jornal seja amador.

Criar um jornal pode ser uma fonte de muitos aprendizados, além de ser sempre divertido e emocionante participar da produção de textos que serão lidos e comentados por todos. Este livro, na verdade, não convida você apenas para contar histórias, mas também apresenta uma forma diferente de participar delas e de ajudar a construí-las.

Sumário

Começo de conversa	5
Primeiros passos: conhecendo o jornalismo	12
Relevância	14
Segurança.....	18
Pluralidade.....	20
Atualidade	22
Agora é sua vez!.....	23
Mais alguns passos: conhecendo os formatos.....	28
Notícias.....	29
Reportagem.....	33
Entrevista.....	39
Gêneros opinativo-argumentativos	44
Artigo jornalístico.....	45
Editorial.....	46
Crítica.....	47
Crônica.....	48
Charge	50
Agora é sua vez!.....	51
O percurso de produção de um jornal	54
Tipo e periodicidade.....	54
Primeira fase: pauta	57
Segunda fase: apuração	60
Terceira fase: composição	62
Quarta fase: edição.....	64
Razão de tudo: distribuição e realimentação	68
Agora é sua vez!.....	70
O fim e o recomeço.....	75
Pequeno Código de Ética dos Jornalistas Amadores	77
Referências.....	80



Começo de conversa



Em um dos momentos iniciais do filme *Aquarius*, do diretor Kleber Mendonça Filho, é encenada uma entrevista envolvendo uma jornalista, uma fotógrafa e uma escritora que está produzindo um livro sobre música. Mesmo que a situação seja fictícia, ela é bastante interessante para começarmos a conversar sobre o trabalho de produzir informações jornalísticas.

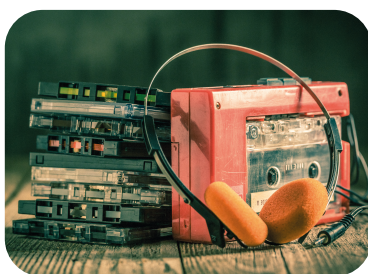
A entrevista começa com um clima ameno: a escritora recebe as outras mulheres em sua casa e começa mostrando alguns discos de vinil da sua coleção, destacando seus preferidos. O vinil é uma mídia, ou seja, um suporte que, até os anos 1980, era a forma mais popular de produzir e ouvir música. Como a escritora tinha começado a se interessar por música há muitos anos, sua casa tinha uma grande coleção não só de discos de vinil, mas também de fitas cassete (K7) e *compact discs* (CD), mídias que se popularizaram à medida que o vinil foi perdendo espaço.

Para+

Para conhecer um pouco mais sobre a ampliação do universo da atividade jornalística, acesse o QR Code.



Somos todos jornalistas. Será possível?
Observatório da Imprensa



Crédito das imagens da esquerda para direita: Przemek Klos, shaiith e Janet Worg/stock.adobe.com

À esquerda, temos um disco de vinil; ao centro, uma fita K7 em um rádio; à direita, um CD em um *discman*. Embora fisicamente diferentes entre si, os três artefatos cumpriam a mesma função: armazenar as músicas que as gerações ouviam. Para a geração atual, acostumada aos acervos dos serviços de *streaming*, pode parecer estranho que, em um passado não tão remoto, precisássemos de um razoável espaço físico para guardar nossos “arquivos” de música.

Diante das muitas obras musicais, a jovem jornalista pergunta se a escritora só escuta músicas no estilo antigo, ou seja, se não ouve no formato mais popular na atualidade, o digital. A escritora responde que gosta de tudo: MP3, *streaming*, entre outros; desde que haja música, qualquer formato a agrada, mas decide contar uma história para esclarecer sua relação com as mídias físicas que têm em casa.

Ela se levanta da cadeira e seleciona um entre os muitos discos, e a fotógrafa aproveita para registrar o momento. O disco escolhido se chama *Double Fantasy* (em português: *Fantasia Dupla*) e foi lançado em novembro de 1980 por John Lennon e Yoko Ono. Ele é importante para o mundo da música, pois foi a última obra lançada pelo antigo vocalista da banda inglesa The Beatles antes de ser assassinado, em 8 de dezembro daquele ano.

Para a escritora, o disco é importante

ainda por outro motivo. Ela conta que o comprou na cidade de Porto Alegre em um sebo, ou seja, em uma loja de discos, livros e outros produtos culturais já usados. O mais surpreendente é que, dentro do disco, ela encontrou um artigo de um jornal inglês publicado semanas antes da morte do cantor e que tinha o seguinte título: “Os planos de John Lennon para o futuro”. Ela conclui a história dizendo que o artigo de jornal e a história envolvida fazem com que o disco se torne um objeto especial.

Com essa história e com a afirmação anterior (de que gosta de música em qualquer formato), a escritora permite compreender, a qualquer pessoa atenta, que, por mais que os novos formatos sejam práticos e possam fazer toda a coleção caber em um pequeno dispositivo, a relação dela com a música não diz respeito apenas à praticidade, mas envolve a história e o afeto contido em cada peça.

Para+

Para ler a sinopse e assistir ao *trailer* do filme, acesse o código a seguir.



Aquarius
Adoro Cinema



Cena do filme *Aquarius*. Para Clara (interpretada por Sônia Braga), muito mais que uma coleção de músicas, seu acervo contém histórias e afetos. Ao contar a história do disco que estava segurando, Clara desejava revelar à jornalista que sua relação com a música ia muito além das mídias.

Reprodução.

A jornalista da cena, porém, não estava prestando a devida atenção, pois parecia impaciente e entediada enquanto a história estava sendo contada. Por fim, ela interrompe a narrativa com a seguinte pergunta: “E você não conhecia o dono?”. Depois disso, o clima muda. Como a escritora já havia dito que comprara o disco em uma loja de produtos usados e em outra cidade, era certo supor que ela não conhecia o dono. Mas o que atrapalha a entrevista, muito mais do que a pergunta, é a certeza da escritora de que a jornalista não estava interessada em ouvir a história contada por ela.

Ela responde à pergunta sobre o dono com um tom menos amistoso e, na sequência, a jornalista volta a perguntar: “Então, MP3 tudo bem?”. Pouco depois, a cena é interrompida, e ficamos sem saber como a entrevista se conclui. Sabemos apenas, graças a outra cena do filme, que, quando o jornal é publicado, a matéria recebe o título “Eu gosto de MP3”.

Saindo da ficção e voltando para a realidade, em que cenas como essa acontecem com frequência, podemos fazer um exercício de questionamento sobre o que deu errado. Como vimos, o problema não foi a pergunta boba sobre o antigo dono do disco usado, pois ela poderia ser revertida, mas foi a falta de atenção conferida à história contada pela escritora. A pergunta que segue e o título que a matéria acaba tendo apontam para mais um problema: a jornalista já chegou à casa da entrevistada sabendo que queria fazer uma matéria sobre a superação da mídia analógica pela digital e, por esse motivo, não estava disposta a ouvir nada que fosse diferente do pretendido.

As duas atitudes destacadas — não prestar atenção e já saber de tudo que quer ouvir antecipadamente — impossibilitam qualquer entrevista, pois não permitem que haja comunicação entre as pessoas. Imagine você no lugar da escritora, contando para alguém sobre um livro que gosta muito ou sobre algo que lhe aconteceu e que é importante para você. O que pode ser mais desanimador do que alguém que não dá importância nem mesmo se concentra em ouvir o que você tem a dizer sobre aquilo? Ninguém gosta de contar histórias para pessoas desinteressadas, menos ainda quando essas histórias têm valor para quem conta.

Se a jornalista tivesse perguntado algo como “Você acredita que uma parte dessa relação afetiva com a música se perde quando ela deixa de ter um recipiente físico (como um



CD, uma fita K7 ou um disco de vinil) e passa a ser apenas digital?”, no lugar da pergunta sobre MP3, provavelmente o destino da conversa teria sido outro.

Isso porque, nessa pergunta, ficaria claro que a jornalista escutou, entendeu o que foi dito e que está usando esse conhecimento recém-adquirido para saber mais. A resposta poderia ser muito interessante ou um simples “Talvez”, não é possível saber, não só porque estamos falando de uma obra de ficção, mas principalmente porque não devemos cometer o mesmo erro da jornalista e achar que podemos supor como as outras pessoas vão responder às nossas perguntas.

Por mais que existam técnicas que ensinem como preparar e realizar uma entrevista, esses conhecimentos explicam apenas parte da atividade. A pesquisadora e jornalista Cremilda Medina escreveu que, além de ser técnica, a entrevista também é diálogo e, por isso, envolve conviver, escutar e, por um momento, participar de um fenômeno de interligação com o outro. Sem diálogo, a entrevista pode até conseguir respostas, mas não consegue comunicar, em um sentido mais amplo.

Quando há diálogo, o jornalista não só se torna capaz de apreender o que uma fonte diz, bem como compreende que também existe informação na maneira como algo é dito, assim como nos silêncios, nas expressões e nos gestos; tudo isso carrega informação, pois faz parte de quem a fonte é. Para ir além da fala simples, nem é preciso um esforço desumano, apenas é necessário estar disponível ao outro, fazendo com que a entrevista seja um encontro autêntico, e não um jogo de perguntas e respostas.

É verdade que, na maioria das vezes, os jornalistas têm exigências prévias, de forma que é comum saírem da redação com uma pauta para ser apurada. Por isso, não é possível deixar a fonte falar sobre qualquer assunto, é preciso encaminhá-la para o tema de interesse. Mas isso não quer dizer que o jornalista deve ignorar outras falas e, muito menos, que ele pode impor a resposta que deseja. Significa que é preciso estabelecer uma relação em que os interesses (do jornalista que quer saber e da fonte que quer falar) possam se encontrar no meio do caminho.

A entrevista é a ferramenta mais útil do jornalista, por isso é necessário falar sobre *entrevista*, *diálogo* e *comunicação* já no começo dessa conversa. É observando, ouvindo e perguntando que os jornalistas conseguem



preencher páginas de jornais impressos e *home pages* de sites de notícia, bem como ocupar o espaço disponível nos telejornais e nos radiojornais. A entrevista é a chave para o ingrediente mais importante do jornalismo: a informação.

Antes de existir a palavra **jornalismo**, já existia a necessidade de transmitir e receber informações. Talvez por essa necessidade fundadora, costumamos pensar que os noticiários (impressos, televisivos, radiofônicos ou de Internet) são formados apenas de acontecimentos em forma de notícia.

É verdade que em qualquer edição de um produto jornalístico há notícias, mas isso não é tudo. Há também reportagens, entrevistas, artigos, críticas e editoriais, ou seja, outras formas de observar os acontecimentos e de apresentá-los. Porém, o que queremos enfatizar agora é que todo noticiário é feito de gente.

Para que uma simples notícia ou uma complexa reportagem exista, são necessárias muitas pessoas. Há aquelas que emprestam suas vozes (as fontes) e aquelas que se dedicam a escutar, a observar e a pesquisar a realidade em busca de acontecimentos que mereçam ser transmitidos (os produtores). Por fim, há também as que recebem os produtos jornalísticos (o público). Sem pessoas para ler, ouvir ou assistir, o ciclo não se completa.

Sem dúvida, as pessoas são o principal ingrediente de um noticiário. Não só porque produzem e consomem, mas porque, ao fazer isso, movimentam os seus desejos, suas experiências e seus conhecimentos. Em todo conteúdo jornalístico, mesmo os mais breves e técnicos, é possível perceber marcas subjetivas, que indicam que ele foi feito por alguém e para alguém. A produção jornalística não é exata, como uma conta de matemática, mas é diversa.

Por isso, não é possível fazer um noticiário seguindo uma fórmula, e a entrevista não pode ser apenas técnica. É preciso, antes de tudo, prestar atenção às pessoas. É importante observar, compreender a realidade, questionar sobre o que não se entende e, principalmente, ouvir com atenção o que elas têm a dizer. Na prática do jornalismo, assim como na vida, não é um problema pedir explicações ou fazer perguntas, o problema é achar que já sabemos todas as respostas e não dar espaço para que outras pessoas e outras realidades nos tragam surpresas.

Certamente, é preciso conhecer princípios, adotar técnicas de apuração, fazer bom uso de um idioma e apresentar tudo em um formato válido, mas nada disso se distancia das pessoas. Não adianta um texto bem escrito que trate de assuntos que não interferem na realidade do público; assim como não adianta falar da realidade do

Para+

Antes de nos aprofundarmos no assunto, vamos conhecer um pouco sobre a história e o surgimento do **jornalismo**. Para isso, acesse o QR Code.



O Jornal
Liceu Albert Sabin



O jornal escolar é uma ferramenta de comunicação importante para a disseminação de informações internas ou relevantes para o dia a dia e a cultura escolar, além de proporcionar experiências singulares e pertinentes ao desenvolvimento dos alunos.

público sem se preocupar realmente com ele, ou seja, sem um compromisso com informações relevantes, seguras e plurais. Da mesma forma, não faz sentido investigar com afinco e seriedade e não produzir um conteúdo que seja interessante ou compreensível para pessoas reais. Em resumo, a edição de um jornal é sempre uma obra múltipla e humana.

Falamos de tudo isso porque estamos prestes a embarcar em uma atividade que é tão complexa quanto maravilhosa. Vamos começar a planejar e a executar um jornal escolar. Mas, antes de iniciar, precisamos deixar claro que o jornalismo, tanto profissional quanto amador, não é uma atividade para heróis nem para quem tem pressa, pois os heróis não conseguem entender as pessoas comuns, e os apressados não se dispõem a ouvir. Por isso, o jornalismo é uma atividade de pessoas comuns, que olham para pes-

soas comuns e conseguem perceber o que há de único nisso.

Ao aceitar o desafio e se transformar em um jornalista amador para a sua escola, você está aceitando o compromisso de olhar em volta, sem preconceitos e sem pressa, para descobrir o que existe. Como jornalista, sua primeira obrigação não será falar com pessoas famosas nem entrevistar autoridades, mas dar voz a todos, com destaque para aqueles que costumam ser menos ouvidos.

O lado bom dessas obrigações é que ser jornalista pode ser um ótimo aprendizado. Na jornada de produção de informações, é possível conhecer pessoas legais, descobrir novidades sobre diversos assuntos, aprender formas de nos comunicar melhor, aprimorar a capacidade do nosso texto e, principalmente, desenvolver um olhar novo sobre a realidade, tornando-se mais

crítico e comprometido com o desejo de construir, aos poucos, um mundo melhor.

Fazer um jornal escolar pode ser uma atividade muito importante, pois, mesmo que você não queira ser um jornalista no futuro, ainda assim essa atividade lhe será útil. Além de todos os aprendizados que já citamos, a circulação de notícias também pode trazer vantagens para todos os que estão em sua volta.

Com um jornal escolar, é possível saber o que acontece em toda a escola, a partir de uma informação segura. Ele também pode ser sede de discussões, espaço para conhecer outras pessoas e um canal para ajudar a construir uma escola cada vez melhor.

Os textos do jornal escolar podem informar sobre questões internas ou refletir sobre informações de outros lugares, mas, de uma forma ou de outra, estaremos diante de uma informação feita para nós, sem correr o risco de não entender o que está sendo dito nem de achar que nada é interessante.

Para assumir o desafio e também para receber todas as vantagens, é necessário aprender sobre o jornal, incluindo seus princípios, formatos e gêneros. Nesse momento, vamos entender melhor o que precisa ser feito e de que forma o faremos. Conheceremos o que faz o jornalismo, sobre os suportes, como o jornal mural ou os pequenos jornais organizados a partir de

dobras, e os diversos gêneros, como notícias, reportagens e entrevistas, que são formas distintas de tratar e de transmitir a informação.

Adiante, aprenderemos como aplicar tudo isso, falaremos sobre as funções que precisam ser executadas e o processo de produção, que vai desde a ideia até a distribuição do material. Nesse ponto, veremos muitos textos legais que provam que o jornalismo também é sobre criatividade e diversão.

Por fim, entendendo a estrutura e dominando a prática, voltaremos a falar sobre algumas responsabilidades; isso porque não se pode fazer jornalismo, nem mesmo o amador, sem uma preocupação verdadeira com as pessoas que se informarão a partir do conteúdo produzido. Por esse motivo, será apresentado um pequeno código de ética do jornal escolar.

Agora já é hora de começar. Mas, antes, vale a pena repetir: para fazer um jornal, é preciso querer saber das pessoas, ouvir o que elas têm a dizer e abandonar a ideia de que não há nada de interessante acontecendo ao nosso redor.

Para começar, leia o trecho de encerramento da obra *A vida que ninguém vê*, de uma das jornalistas brasileiras mais elogiadas dos últimos anos, Eliane Brum. Vamos construir nossa jornada com esta provocação em mente:

Tudo é um jeito de olhar. Você pode olhar para o infinito, como Carl Sagan, e descobrir que é feito da poeira das estrelas. E pode olhar para o chão e acreditar que é um cocô de cachorro. É o mesmo homem que tem diante de si o infinito e o chão. Mas é nessa decisão que cada um se define. Como olhar para você mesmo é uma escolha. Um exercício da liberdade, da autodeterminação, do livre-arbítrio. Seja generoso. Arrisque. Ouse. Olhe.

Primeiros passos: conhecendo o jornalismo



Para+

Para saber mais sobre como realizar a checagem de informações, acesse o QR Code.



O que é
fact-checking?
Pública

A primeira parte de qualquer trabalho prático, como fazer um jornal escolar, é conhecer os fundamentos do que se faz. Os fundamentos são importantes, pois eles nos ajudam de três formas:

- 1 dizem o que precisa ser feito;
- 2 permitem a criatividade;
- 3 são a base para entender se algo deu errado.

Para esclarecer esses aspectos, vamos a um exemplo: imagine que você foi a uma padaria comprar pães para o café da manhã. Enquanto espera sua vez, recebe uma ligação da sua mãe, que pede para você comprar também um bolo. Ela fala apenas isso e desliga o telefone. Agora considere que, ao observar a vitrine, você encontra uma grande variedade de bolos: de chocolate, de milho, de banana, de cenoura; com e sem cobertura; redondos e quadrados; alguns grandes e outros pequenos.

Existe um conceito de *bolo* presente no seu pensamento, e, graças a ele, você consegue passar longe de coxinhas, empadas e biscoitos, já que esses alimentos não

possuem as características básicas para ser enquadrados como bolos. Ou seja, o conceito permite entender o que é um bolo e o que não é. Graças a ele, você consegue ter uma percepção criativa, uma classificação ampla, na qual cabem vários tipos de uma determinada coisa. Você pode observar a vitrine cheia de alimentos com características diferentes entre si (sabores, cores, formatos e tamanhos) e, ainda assim, enquadrar todos como bolos.

Por fim, o conceito de *bolo* também permite reconhecer falhas e criticar. Com isso, posso reclamar com o vendedor da padaria caso o bolo esteja duro, já que espera-se que seja macio, ou solado, uma vez que o conceito estabelece que ele deve ser aerado. Em resumo, os conceitos permitem reconhecer quando algo não está como deveria.

Tudo seria muito diferente se sua mãe tivesse pedido que você aproveitasse que está fora de casa para comprar alguns abius, no lugar do bolo. Sem o conceito, não saberíamos nem mesmo onde procurar. E, mesmo que, por sorte, encontrássemos alguém que fosse capaz de dizer o que é um abiu, ainda não saberíamos o suficiente para reconhecer outros tipos ou para saber se eles estão em bom estado.

Deixando os bolos e os abius de lado, para não acabarmos com fome, precisamos entender o conceito de *jornalismo*, saber o que ele é, para usar esse conhecimento ao produzi-lo e não acabar fazendo algo diferente. Também precisamos saber das suas características essenciais para podermos agir com criatividade e explorar os seus tipos. Tudo isso tendo a certeza de que não estamos fazendo algo errado.

Diferentemente dos bolos e abius, o conceito de *jornalismo* não é tão simples. Tanto que muitos autores se dedicaram e ainda se dedicam a estudar e a encontrar problemas em definições existentes. Para nós, não é necessário participar da discussão; no lugar disso, vamos adotar um conceito que sirva aos nossos propósitos e fundamentos para que possam orientar as nossas ações.

Em uma definição simplificada, o **jornalismo** é um serviço profissional do ramo da comunicação que faz mediação entre um público e os acontecimentos do cotidiano que esse público precisa ou deseja saber, mesmo que, em alguns casos, o público não os acompanhe de perto.

Os profissionais que atuam nessa área são os jornalistas, que, diariamente, vão até os lugares com técnicas diversas para melhor reconhecer, compreender e coletar informações. Em seguida, estas são redigidas e editadas no formato de produtos jornalísticos, que podem ser notícias, reportagens, entrevistas, artigos, entre outros. Só então, quando finalizadas, estarão prontas para serem divulgadas.

Para+

Para conhecer o abiu e saber seus benefícios, acesse o código a seguir.



**Benefícios
do Abiu
Fruta**

Assim, não são os acontecimentos e as discussões que são levados ao público, mas, sim, produtos jornalísticos baseados neles. Uma vez que nossa intenção é fazer um jornal cheio de produtos jornalísticos, devemos começar pensando nos fundamentos desses produtos. Em outras palavras, é importante saber quais são as principais características que devem estar presentes no material produzido pelos jornalistas.

No primeiro momento deste capítulo, apresentaremos quatro características importantes para a informação: relevância, segurança, pluralidade e atualidade. Esse conjunto de critérios funcionará para o jornalismo como as qualidades do bolo funcionavam para ele. A partir deles, será possível julgar não só as obras, mas também se estamos ou não diante de informação jornalística ao longo da vida e se ela contém falhas graves.

IRStone/stock.adobe.com



Relevância

Pois bem, os produtos jornalísticos são feitos a partir de acontecimentos e discussões, mas nem tudo interessa ao jornalismo. Por isso, a relevância é uma característica que deve guiar a ação de um jornalista.

Para alguns estudiosos, a ideia de *relevância* tem a ver com o interesse, ou seja, para uma pessoa que se interessa por futebol, por exemplo, as informações sobre o esporte serão relevantes. Para outros, tem relação com a geração de efeito, isto é, uma informação é relevante quando consegue gerar algo para os leitores, seja um novo conhecimento, seja uma orientação para a ação ou mesmo alguma emoção.

Para nós, essas duas percepções serão essenciais, mas precisam ser ampliadas. Isso porque não vamos produzir informações só para nós ou para um grupo pequeno de pessoas, mas para toda a escola. Assim, quando formos nos referir à relevância, bem como ao interesse e ao efeito, estaremos pensando em muitas pessoas ao mesmo tempo.

Ainda que o jornal escolar (e qualquer jornal) fale para muitas pessoas e que elas sejam muito diferentes entre si, isso não quer dizer que não existem aspectos comuns. É normal que as pessoas tenham interesses e gostos distintos, mas há um conjunto de questões que, necessariamente, interessarão a todos.

Para adaptar nossa percepção de relevância aos vários alunos que serão parte do público-alvo, bem como às várias situações, vamos considerar três dimensões da relevância: impositiva, tradicional e para o futuro.

A **relevância impositiva** se refere aos conteúdos e às discussões que não podem deixar de aparecer no jornal. Por exemplo, imagine que o time de vôlei da sua escola foi campeão dos jogos estudantis da cidade ou que uma quantidade significativa de estudantes foi diagnosticada com catapora. Nos dois casos, mesmo sendo acontecimentos muito diferentes, a relevância se impõe, seja porque é um título e porque o time da escola vai representar a cidade no campeonato estadual, seja porque a situação da doença requer atenção e orientações para os alunos. Logo, é inevitável que o jornal escolar trate do assunto. A relevância impositiva está presente em assuntos que costumam ser urgentes e impactantes.

Na **relevância tradicional**, são selecionados conteúdos que despertam interesse ou que geram efeitos por motivos mais tradicionais. Em outras palavras, esse é o tipo de relevância ligada ao costume, ao cotidiano da escola e ao que os leitores estão habituados a encontrar.

Esse tipo de relevância possibilita mais margem do que a anterior, pois é possível adiar o conteúdo ou deixar de falar dele caso aconteça algo mais relevante. Como exemplo, imagine que você e seus colegas de jornal querem falar sobre profissões para ajudar outros estudantes a terem mais informações para o futuro ou fazer uma reportagem apresentando diversas dicas de estudo.

Tudo isso é relevante, mas, nesse caso, não há tanta urgência quanto na dimensão anterior. A notícia sobre os cuidados em relação à catapora ou sobre a vitória no campeonato de vôlei não podem estar muito separadas do momento em que os acontecimentos ocorreram, já o perfil das profissões ou as dicas de estudo são úteis a qualquer momento.

Por fim, na **relevância para o futuro**, são feitas perguntas, de certo modo, reflexivas, para você e para os seus colegas de jornal: quais



os assuntos que, mesmo sendo relevantes, costumam ser deixados de lado pelos estudantes? Ou, ainda, o que eles deveriam saber, mas não sabem? Responder a essas perguntas (o que pode ser feito com a ajuda de professores, coordenadores, pais e outros alunos) é assumir um compromisso com o jornal.

Várias pessoas dizem que os estudantes deveriam ler mais. Assumindo o compromisso com a leitura, vocês podem dedicar um espaço no jornal para textos ficcionais; podem ser contos ou histórias feitas pelos próprios estudantes (não só os que participam do jornal) ou por professores, visando o incentivo à escrita e à leitura. Considerando também que é importante para os estudantes entenderem sobre os direitos e deveres de um cidadão, bem como sobre o funcionamento político do Brasil, o jornal também pode criar uma seção chamada *Cidadania*, que será dedicada à produção de material sobre esses assuntos.

Assim, a relevância para o futuro abarca assuntos que carregam um compromisso. Todo jornal, e não é diferente com um jornal escolar, além de assumir a função de levar informações e discussões, também se

compromete com o público e com a sua formação, por isso é importante reservar um tempo para ajudar a construir um futuro melhor. É justamente a essa atividade que se dedica a relevância para o futuro.

Essas três relevâncias devem estar muito claras, pois, quando sugerirmos um assunto a ser tratado no jornal, vamos ter de justificar o que faz dele relevante. É possível afirmar que algo é relevante porque é esperado pelo público e pode fazer alguma diferença no cotidiano (relevância tradicional) ou por defender um compromisso e, com base nele, sugerir assuntos (relevância para o futuro). No caso dos acontecimentos urgentes, dificilmente será preciso provar sua relevância. Em todo caso, estaremos diante de assuntos que são interessantes, impactantes e/ou úteis para o momento presente.

Para ajudar a avaliar e a defender a relevância, podemos usar também saberes mais práticos: os valores-notícia. Esses valores são atributos da relevância, ou seja, características que os acontecimentos e as relevantes costumam ter. Eles serão organizados em macro e microvalores e podem ser modificados conforme os objetivos do seu jornal.



Valores-notícia para a realidade escolar

Impacto

- Muitos estudantes.
- Grandes feitos ou resultados grandiosos.
- Interesse de toda a escola.

Proximidade

- Cotidiano da escola.
- Alunos ou professores da escola.
- O bairro em que a escola se localiza (quando o bairro passa a afetar a escola).
- A realidade educacional do Brasil.

Formação

- Vida estudantil.
- Cidadania.
- Aprender e discutir.
- Adultos do futuro.

Interesse humano

- Humor.
- Curiosidade.
- Suspense.
- Entretenimento.

Conflito

- Assuntos envolvendo a vida escolar que dividem opiniões.
- Problemas escolares que precisam ser resolvidos.

Surpresa/Descoberta

- Incomuns/raros ou imprevisíveis envolvendo a escola.
- Inovação/invenções ou pesquisas da escola.

Com a ajuda da tabela de valores-notícia, podemos avaliar diversos acontecimentos, buscando neles o que pode ser relevante para o público estudantil. No seu jornal, outros valores podem ser acrescentados, mas todos os valores-notícia servirão para defender a validade de uma informação, por isso eles são importantes.

Os valores nos ajudarão a dizer algo como “Devemos noticiar a vitória no campeonato, pois é um assunto que traz impacto por ser um grande feito; tem proximidade, pois envolve alunos e professores da nossa escola e também a nossa região; também é relevante, pois a prática de esportes tem a ver com a formação, já que faz parte da vida estudantil; e é relevante porque tem interesse humano, já que os esportes são fontes de entretenimento”. O assunto do campeonato movimentou quatro das seis categorias, isso mostra que ele é relevante e deve estar no jornal.

Agora, depois de sabermos que podemos utilizar os três tipos de relevância e de mostrar como usar os valores-notícia para checar e defender se há relevância em um acontecimento ou em uma discussão, é hora de aprender outras obrigações da informação jornalística, afinal, é essencial ser relevante, mas ainda há outras necessidades.



Segurança

Depois de identificar a relevância em um acontecimento, é hora de se preocupar com a segurança da informação, ou seja, com a garantia de que o acontecimento e, principalmente, as discussões são de verdade. Nesse momento, a preocupação passa a ser a investigação da ocorrência ou da autenticidade.

Para exemplificar, imagine o seguinte: chega ao jornal escolar a informação de que dez estudantes de uma turma não foram à escola na última semana, e as pessoas estão comentando que todos eles estão doentes de algo contagioso, o que coloca toda a escola em risco. Utilizando nossos valores-notícia, podemos defender que esse assunto é relevante, afinal, envolve muitos estudantes e o interesse de toda a escola (impacto); tem relação com as pessoas da escola (proximidade); tem despertado curiosidade e suspense (interesse humano); e é algo incomum/raro (surpresa/descoberta).

Mas, mesmo depois de tudo isso, o assunto ainda não fica pronto para ser publicado, pois é preciso investigar antes. Para isso, é possível entrar em contato com a coordenação ou a direção da escola para que elas chequem se as fontes são válidas, já que sabem os motivos pelos quais os alunos faltaram.

Imagine agora que, após esse contato, você fica sabendo que é verdade a ausência dos dez alunos nos últimos três dias, mas que a questão nada tem a ver com doença, e sim com o fato de o grupo estar participando de uma excursão junto ao professor de Geografia e a alguns pais. Eles foram liberados pela escola, pois a viagem pode trazer muitos conhecimentos e porque já foi elaborado um calendário de reposição.

Dessa situação, retiramos dois conhecimentos importantes. O primeiro deles é que não importa o quanto algo pareça relevante, nunca devemos noticiar algo sem investigar antes, pois podemos acabar divulgando situações que não são reais, as *fake news*.

A segunda é que, durante o processo de investigação, é possível que informações deixem de servir e que outras tomem seu lugar. Nessa situação, você poderia pedir à coordenadora que ajudasse no contato com o professor de Geografia, com alguns dos alunos que foram para a excursão e alguns pais para entrevistá-los sobre a experiência da viagem e sobre a importância que ela teve. Na investigação, algumas informações vão embora para que outras apareçam.

Para+

Não é de hoje que as *fake news* estão circulando nas redes sociais e na mídia em geral. Então, para saber se a informação é fato ou *fake*, acesse o QR Code.



FatoOUFake
G1

Para investigar a maior parte das informações, utilizaremos a entrevista como ferramenta. No exemplo, foi exatamente o que aconteceu: você tinha informações de alunos que acreditavam ser tudo fruto de uma doença, mas, como as informações não pareciam seguras, você foi procurar outra pessoa, apresentou suas dúvidas e recebeu respostas corretas e convincentes. No momento, a coordenadora chegou a mostrar uma foto que tinha recebido do professor, exibindo todo o grupo (visivelmente saudável) visitando um cânion. Com isso, você entrou em contato com dois elementos de prova mais seguros do que o boato: a fala da coordenadora e a imagem dos estudantes ausentes.

Para uma boa entrevista, é preciso escolher as fontes certas. Ao falar sobre a falta dos dez alunos, por exemplo, é importante ir ao profissional que se encarregou disso e conseguir informações seguras. Se o tema da entrevista é sobre a mudança dos livros didáticos da escola, as fontes mais indicadas seriam os professores. Já sobre a relação entre estudantes e suas disciplinas preferidas, as fontes mais importantes seriam alguns estudantes da escola.

Ainda que entrevistar pessoas seja o processo de apuração mais comum, ele pode coexistir com outros elementos de prova. Também é possível garantir a segurança da informação pela observação; é o que ocorre quando um dos jornalistas amadores observa algo diretamente. Seria o caso, por exemplo, de um evento que ocorre na escola e que é apurado não só pela entrevista com professores, alunos e gestores, mas também a partir de fotos e pelo fato de os jornalistas estarem acompanhando tudo.

Ainda é possível fazer apurações observando livros e documentos. Imagine que sua escola está completando 40 anos de fundação e vocês estão produzindo uma reportagem comemorativa. Para buscar informações seguras, suas fontes podem ser os documentos da escola ou algum material feito por outros jornais. Nunca devemos subestimar uma boa pesquisa, pois documentos esquecidos podem ser fontes de muitas informações surpreendentes e interessantes.

Mesmo com todo o processo de investigação, em alguns momentos, é possível que ocorram erros. Nesse caso, a edição seguinte deve reservar um espaço para a correção.



Os jornais profissionais, quando erram, costumam publicar uma seção especial chamada *Erramos*, com a finalidade de esclarecer algum mal-entendido ou de substituir informações equivocadas pelas corretas. Para poder notar os erros, é importante estar atento ao conteúdo publicado e às críticas dos leitores. Tudo isso nos ajuda a fazer um jornal mais seguro.

Já aprendemos que as informações precisam ser relevantes e seguras. Se, no processo de investigação, descobrirmos que um assunto é falso ou se tivermos dúvidas acerca da sua veracidade, não devemos publicá-lo. E, para garantir a segurança do assunto, podemos usar entrevistas, observações, fotografias e pesquisas em livros e documentos como elementos de prova. Em resumo: se não for verdade, não pode ser notícia — mesmo que pareça relevante.

Pluralidade

Até agora, vimos que as informações precisam ser relevantes e seguras. Se uma informação possui essas duas características, já é certo que merece publicação, mas ainda falta prestar atenção em uma questão de justiça: a pluralidade. Essa palavra, difícil de falar, vem de outra mais simples, **plural** vem do latim, *plurālis*, que quer dizer **diverso, múltiplo, mais de um**. Essa característica aplicada à produção do nosso jornal escolar quer dizer que devemos dar espaço para a diversidade de vozes, principalmente quando há conflitos de opinião.

Para compreender bem, pense que, todos os anos, há uma eleição para definir o tema para a *Feira de Ciências* na sua escola. A direção, junto aos professores, costuma sugerir três temas e promover uma eleição para os alunos escolherem o que mais lhes agrada. Aplicando nosso conceito de *relevância* e a nossa tabela de valores-notícia, há várias razões para publicar o tema. Com relação à segurança da informação, não há com o que se preocupar, já que a eleição e os três temas foram divulgados pela direção da escola e já são de conhecimento geral. Por isso, o jornal entende que é preciso falar sobre a eleição como preparação para a *Feira de Ciências*.

Os temas sugeridos foram: (1) Os vilões do meio ambiente; (2) Profissões do futuro; e (3) Alimentação saudável. E o cenário que se organizou na escola mostra uma grande divisão entre os temas 1 e 3, ao passo que, aparentemente, apenas um pequeno grupo se manifestou a favor do tema 2. As pessoas do jornal, com unanimidade, preferem o tema 1; seus amigos e você concordaram que, se fosse o tema 3, seria preciso comer alguns alimentos estranhos e pouco gostosos.

Então, diante dessa votação interna, o jornal poderia decidir falar apenas dos benefícios do tema 1? A relevância e a segurança já estavam garantidas, e não há a intenção de inventar nada, todas as informações sobre as vantagens do tema 1 teriam a sua relevância avaliada e a sua segurança checada. Ainda assim, a resposta é *não*. O jornal não poderia falar apenas do tema 1, pois isso iria ferir o princípio da pluralidade.

A diversidade de opiniões sobre um tema faz com que os jornalistas amadores tenham de ouvir as opiniões e os argumentos estando comprometido ao máximo com a diversidade. É preciso falar também do tema 3 e do tema 2 independentemente de seu

posicionamento ou de ter poucos interessados sobre os assuntos.

Além da questão da pluralidade, é justo que todas as opiniões — desde que não sejam ofensivas, perigosas ou baseadas em mentiras — tenham igual espaço no jornal. A pluralidade também é justificada pela necessidade de se discutir para consolidar uma opinião. Imagine o seguinte: após perceberem certa resistência ao tema 3, pois muitos estudantes acreditavam que o tema sobre alimentação saudável era ruim, os defensores dessa proposta decidem fazer uma campanha de esclarecimento.

Com a autorização da diretoria, eles fizeram algumas opções de lanches saudáveis, que iam de frutas até doces e salgadinhos, e levaram pequenas provas para todas as salas. Quando eles passaram pela sua turma, você descobriu que a sua opinião não tinha fundamento, ou seja, que os alimentos saudáveis podem ser gostosos.

A partir desse exemplo e da pluralidade como característica, já podemos consolidar dois conhecimentos válidos: a pluralidade é importante para colocarmos nossas opiniões à prova e descobriremos novidades e não existem boas escolhas sem discussões e debates. Mesmo sabendo que as comidas saudáveis podem ser gostosas, vocês podem continuar preferindo o tema 1, mas o importante é que todos sejam ouvidos para que seja possível tomar uma decisão melhor.

Além da situação de divergência de opiniões, a pluralidade também ensina que é preciso ouvir grupos diversos, ainda que não exista conflito. Em uma reportagem com curiosidades sobre os assuntos mais divertidos da escola, não devem ser ouvidos apenas os professores e as suas opiniões sobre o que é mais divertido, mas também os alunos, dando espaço para aquilo de que eles gostam mais. Ouvindo apenas um dos lados, o texto ficaria incompleto.

Antes de seguir para a nossa última característica, é importante enfatizar que uma informação plural significa uma informação diversa. Por isso, ter muitas fontes com opiniões parecidas não torna o texto plural; é preciso procurar pessoas diferentes, opiniões diferentes, a fim de publicar uma razoável quantidade de pontos de vista. Além disso, em situações de conflito, é preciso dar um espaço semelhante a cada um dos lados.

Em resumo, a pluralidade é uma questão de justiça e uma necessidade de todos, já que, sem ela, os debates e o amadurecimento de opiniões não acontecem. Para fazer um jornalismo plural, devemos reservar espaço para as diversas opiniões sobre um assunto, ouvir fontes com características diferentes (como gestores, professores, alunos e funcionários da escola) e atentar ao equilíbrio, para não deixar parte alguma da escola mal representada.

Para+

Quanto à importância de cada pessoa e ao seu papel na sociedade, o vídeo disponível no QR Code a seguir nos traz bons exemplos do respeito e da pluralidade social.



A importância de cada um no grupo e o respeito
Helem Oliveira

Atualidade

Essa característica do jornalismo pode parecer muito simples, mas requer atenção. Como o nome já faz supor, *atualidade* quer dizer que os conteúdos jornalísticos, além de relevantes, seguros e plurais, devem ser atuais.

A atualidade se refere à relação entre o acontecimento e o tempo presente. O jornalismo é um serviço de informações que se dedica ao presente. Tanto é que, na vida cotidiana, é possível substituir a frase “Tenho uma novidade” por “Tenho uma notícia”, sem comprometer o sentido. Intuitivamente, sabemos que os jornalistas falam sobre assuntos recentes, que estão acontecendo ou acabaram de acontecer, embora essa não seja a única forma de ser atual.

A atualidade pode se ligar aos fatos recentes, mas também pode estar vinculada aos acontecimentos antigos. Imagine que, na pesquisa para a reportagem sobre o aniversário da escola, que foi posta como exemplo antes, você encontra um certificado que confere à escola o prêmio de primeiro colégio da região a disponibilizar biblioteca e laboratório de informática para os estudantes. Nessa situação, não há nada acontecendo ago-

ra, mas o tema pode se tornar atual caso o jornal aproveite a descoberta para produzir uma reportagem sobre a relação entre a escola e a inovação no passado e no presente. Nesse caso, foi uma informação antiga que, ao se ligar ao presente, permitiu que o conteúdo se tornasse atual.

A atualidade ainda pode vir de acompanhamentos e repercussões, com base em um tema que foi atual no passado, mas que ainda gera outros conteúdos relacionados a ele. Pense no prêmio do torneio de vôlei; se a vitória levar a escola para outras competições, então a notícia da vitória pode ter como desdobramento novas informações sobre a preparação do time no futuro. Nesse caso, a preparação não é novidade alguma nem algo inesperado, mas se liga à informação do passado (a vitória) e à informação do futuro (o novo campeonato).

A atualidade também pode vir de um *gancho*, termo muito usado por jornalistas profissionais para se referir a matérias que se relacionam a outros fatos e se tornam atuais. Imagine que o jornal da escola decide falar sobre ex-alunas e/ou mães de alunos que são profissionais bem-sucedidas. Em



todas as características anteriores, podemos encontrar justificativas e estratégias para que o conteúdo, a mulher bem-sucedida no campo profissional, seja feito, mas que relação ele tem com a atualidade, já que não há nada novo, nem inesperado, nem uma repercussão?

Para resolver isso, seria interessante esperar a proximidade com o Dia das Mães ou da Mulher e usar a data como um gancho para atribuir atualidade à produção da matéria. Uma última forma de ser atual é aplicar a relevância para o futuro, pois haverá um compromisso com temas que o jornal escolar gostaria de estimular no público. Da mesma forma, a atualidade pode se justificar pela temática. Se há aquele compromisso com a cidadania, já há uma justificativa de atualidade. Nesse caso, dizemos que a proposta de informação é atual porque se liga ao tema que queremos incentivar ou porque se liga à relevância para o futuro.

Ao fim dessa característica, chegamos também ao fim do capítulo. Esses primeiros passos nos permitiram aprender que todas as informações jornalísticas, mesmo no nosso jornal escolar, devem ser relevantes, seguras, plurais e atuais. Vimos também o que significa cada uma dessas características e os vários subtipos que elas abrigam.

Agora, vamos colocar a mão na massa, mas antes vale lembrar tudo isso que aprendemos.



Agora é sua vez!

1. O jornalismo é um serviço profissional e uma instituição social. Isso quer dizer que ele cumpre uma função específica e necessária para o bom andamento da sociedade. Sobre o jornalismo, responda às perguntas a seguir.

a) Quais são os profissionais específicos dedicados à realização da atividade jornalística?

b) Com as suas palavras, explique qual é a função do jornalismo.

c) Quais são os produtos feitos pelo jornalismo para fazer cumprir sua função?

d) Por que podemos dizer que o jornalismo não é uma atividade para heróis ou para apressados?

e) O ato de entrevistar é uma das principais ferramentas do jornalismo para conseguir informações. Devido a essa importância, existem técnicas para entrevistar, mas uma boa entrevista não é apenas técnica. Explique esta última proposição e indique o que é preciso fazer para ter uma boa entrevista.

2. A relevância jornalística é uma característica essencial dessa prática. Isso quer dizer que os jornalistas não devem se voltar para qualquer fato, acontecimento ou discussão, mas apenas para os que são verdadeiros e que podem produzir impactos e se relacionar aos interesses do público como um todo. Para ajudar a reconhecer a relevância, listamos um conjunto de valores-notícia e uma subdivisão dela em três dimensões: impositiva, tradicional e para o futuro. A fim de praticar esse conhecimento, identifique, nas situações descritas a seguir, a dimensão da relevância e a justifique a partir da lista de valores-notícia apresentada neste capítulo.

a) Durante o período de entrega dos boletins, a equipe de tecnologia e informação da escola apurou que 40% dos estudantes obtiveram notas abaixo da média em Matemática.

b) Uma estudante da escola recebe a nota 1.000 na redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

c) A escola passa por um processo de eleição para o grêmio estudantil.

d) Nos itens a seguir, continue identificando a dimensão da relevância e listando os valores-notícia, mas partindo de títulos de textos já elaborados.

I. “Quadra da escola será fechada para reformas.”

II. “Biblioteca recebeu uma doação de mais de 3.000 livros.”

III. “Entenda qual é a função de um vereador.”

3. As informações publicadas no jornal não podem ser apenas interessantes e impactantes, é preciso garantir a segurança dos conteúdos. Para isso, há um conjunto de procedimentos possíveis. Sobre eles, marque a alternativa **incorreta**.

- a) A entrevista com fontes competentes é uma forma de garantir a segurança de uma informação.
- b) A segurança da informação pode ser assegurada pela observação dos jornalistas, que passariam a contar o acontecimento descrevendo o que viram pessoalmente.
- c) Os procedimentos para a comprovação da segurança de uma informação podem ser utilizados sozinhos ou em conjunto.
- d) Mesmo sendo uma excelente ferramenta de apuração, as entrevistas só têm validade se forem feitas com fontes profissionais e competentes, como diretores, coordenadores e professores.
- e) Documentos e livros também podem atuar como fontes que asseguram uma informação. Nessa situação, o jornalista realizaria uma pesquisa para comprovar ou negar um conteúdo.

4. Algumas vezes, com destaque para situações de conflito, não basta dizer o que aconteceu, é preciso dar espaço para pessoas que têm opiniões diferentes exporem seus pontos de vista. Em outras palavras, alguns conteúdos demandam uma atenção especial à pluralidade.

Dos quatro itens a seguir, separe os três que precisam de uma maior atenção quanto à pluralidade e sugira os lados que precisam ser acionados.

I. “Foi definida a data de reinauguração da quadra poliesportiva.”

II. “Estudantes questionam as novas normas de vestimenta da escola.”

III. "Grupo de estudantes reivindica novas modalidades esportivas na aula de Educação Física."

IV. "Professores discutem a mudança ou a permanência dos livros didáticos."

5. O jornalismo trata de assuntos atuais, mas essa característica não é tão simples quanto pode parecer. Sobre a atualidade, marque o que for **correto**.

- a) Como característica, a atualidade indica que o jornalismo, profissional ou amador, só deve falar sobre assuntos recentes.
- b) A importância da atualidade faz com que o jornalismo não precise de conhecimentos históricos ou antigos.
- c) O *gancho* é uma estratégia do jornalismo para atualizar um conteúdo; ele se refere a matérias que repercutem de outras.
- d) As novidades são muito apreciadas pelos jornalistas, mas costumam ter um rápido esgotamento, além de serem incapazes de continuar chamando a atenção depois da sua ocorrência.
- e) A atualidade marca a relação entre o jornalismo e o tempo, que pode ser acionado de várias formas, a exemplo da novidade, dos ganchos, dos conteúdos temáticos e da repercussão.



Mais alguns passos: conhecendo os formatos



Para reconhecer o jornalismo e o que não pode faltar nele, temos o auxílio da relevância, da segurança, da pluralidade e da atualidade. Essas quatro características essenciais funcionam como guias para o reconhecimento de quais são os acontecimentos e as discussões que devem ser selecionados e qual o tratamento que devem receber.

Agora, vamos conhecer outros guias, que estão ligados ao que vem depois do reconhecimento e do tratamento. Diante de qualquer tema que pareça interessante, é necessário (1) utilizar critérios para testar a sua relevância, (2) investigar a segurança da informação, (3) dar espaço para as opiniões divergentes e (4) adotar alguma conexão com o presente.

Ao fim desse processo, inicia-se uma nova fase: a elaboração do produto jornalístico. Em outras palavras, é hora de escrever os textos, e, nesse momento, entram em cena novos guias: os gêneros. Na hora de escrever, os jornalistas precisam refletir sobre o formato em que as informações e discussões seguirão. Os gêneros são escolhidos por alguma razão, e, a partir de agora, conheceremos um pouco mais sobre o motivo da escolha deles.

Cada um dos gêneros tem características, funções e aptidões diferentes, e precisamos estar por dentro dessa questão para fazer nosso jornalismo. Vamos detalhar três gêneros informativos, que possuem exigências maiores quanto à forma, e acrescentar alguns gêneros opinativos,

Para+

Para ajudar você na organização da sua reportagem, acesse o código a seguir.



**Aprenda 8 dicas de
como escrever uma
boa reportagem**
Academia do
Jornalismo

que são mais diversos a respeito do modo de escrever, mas que, ainda assim, precisam ser compreendidos. De antemão, o que precisamos saber é que um gênero é como um tipo de roupa: escolhemos vestir as informações e discussões. Da mesma forma que há um motivo para ninguém ir à praia de terno, veremos que a escolha dos gêneros também é bastante lógica.

Notícias

Não poderíamos começar a falar dos gêneros informativos a partir de outro que não a notícia. Esse gênero é tão importante que é considerado, em alguns lugares, como um sinônimo de todo o trabalho jornalístico. Em Portugal e em muitos países de língua inglesa, por exemplo, não se fala em uma teoria do jornalismo; os autores se dedicam a uma teoria da notícia.

As notícias são realmente produtos jornalísticos muito importantes, pois elas proporcionam ao público o recebimento de informações de maneira mais rápida e direta do que qualquer outro formato. Para os jornalistas, as notícias facilitam o trabalho de quem precisa informar muito em um curto espaço de tempo, pois sua produção é, em tese, mais ágil e simples.

Também entre nós, a notícia ocupa um lugar de destaque. Costumamos dizer que estamos assistindo ao noticiário em referência aos programas jornalísticos, mesmo sabendo que eles não possuem apenas notícias. Todavia, a partir de agora, vamos privilegiar a notícia como gênero, ou seja, não a trataremos como sinônimo de novidade, tampouco como representante de todos os formatos jornalísticos.

Por definição, **notícia** é um gênero jornalístico curto que procura informar sobre a ocorrência de um fato. Ou seja, a notícia não costuma expor opiniões ou discussões, apenas dizer o que aconteceu e quais as circunstâncias em torno da ocorrência. Esse gênero é um texto simples, tanto que existe um tipo de fórmula para produzi-lo:

$$\text{Notícia} = 3Q + O + P + C$$



PureSolution/stock.adobe.com

Essa fórmula faz referência às seis perguntas que buscamos responder quando estamos fazendo uma notícia: **Quem?** **O Quê?** **Quando?** **Onde?** **Por quê?** **Como?**

Esse conjunto de perguntas marca a maneira como os jornalistas observam os fatos. Diante de qualquer investigação, eles procuram saber **o que** ocorreu, **quem** está relacionado, **quando** e **onde** o fato aconteceu, o motivo (**por quê**) e a circunstância (**como**).



Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,apos-policias-guardas-municipais-tambem-passam-a-usar-cameras-em-uniformes,70003986778>. Acesso em: 22/02/2022.

Como uma das características da notícia é a rapidez, as respostas a essas perguntas não costumam estar espalhadas, como é possível ver no exemplo. O mais comum é que estejam todas, ou quase todas, respondidas no título e no subtítulo (ou linha fina). Em alguns casos, o primeiro parágrafo, que recebe o nome de **lide**, serve para que seja possível adquirir as informações essenciais com uma rápida leitura.

Além do lide, que organiza as informações mais importantes no começo do texto, outra característica da notícia é uma linguagem simples, direta e constituída por frases curtas. Ainda sobre a linguagem, as notícias são elaboradas respeitando a norma culta (um dos motivos que faz com que os professores de linguagem sejam muito importantes para os jornais escolares). Não custa reforçar que usar a norma culta não quer dizer que os textos devem ser cheios



de palavras difíceis. Em sentido oposto, a linguagem deve ser correta, no entanto o mais simples possível, já que, no jornalismo, a intenção é comunicar.

No gênero notícia, os textos abrem mão da criatividade para oferecer rapidez e praticidade. O jornalista deve saber que, quando alguém procura uma notícia, está buscando um acontecimento imediato, não um texto belo. Como consequência, os textos que utilizam o lide mantêm uma aparência bastante técnica.

Tudo na notícia ocorre para privilegiar a informação e a rapidez, e é por isso que esse gênero trabalha com os acontecimentos, para que possam ser informados sem muita discussão. Por exemplo, as notícias servem para informar sobre a abertura de inscrições para um curso, uma invenção simples, o pronunciamento de uma autoridade, o início ou o fim da venda de ingressos para um *show* ou, até mesmo, o resultado de fortes chuvas.

Todas essas possibilidades podem ser informadas a partir desse formato, pois as notícias servem para descrever algo que aconteceu ou chamar a atenção para algo que deve acontecer em breve, sempre de forma clara, simples e direta. Por exemplo, caso um estudante queira saber sobre o funcionamento do Sistema Único de Saúde no Brasil, ou discussões envolvendo cotas em universidades, ou sobre a qualidade de um livro recém-lançado, a notícia já não seria o gênero mais adequado, pois essas demandas não pedem para descrever acontecimentos, mas, sim, compreender um contexto, entender pontos de vista e expressar uma opinião. Essas três competências não cabem às notícias, mas a outros formatos que veremos em seguida.

Em resumo, as notícias são relatos informativos curtos, simples e diretos que expõem fatos ou acontecimentos. Para garantir a rapidez e a informatividade, a notícia se organiza a partir do lide, trazendo as informações mais importantes no primeiro parágrafo e conferindo ao texto um aspecto técnico que auxilia os jornalistas e o público, desde que os acontecimentos não exijam muitas discussões ou opiniões.



PureSolution/stock.adobe.com

Para finalizar nossa compreensão da notícia, observe o exemplo a seguir.

Comunidade em área industrial do Pará foi contaminada por chumbo, diz estudo

Por Júlia Zaremba, publicado pela *Folha de S.Paulo* em 05/09/2019

Reprodução.



Moradores da comunidade de Dom Manuel, localizada no distrito industrial de Barcarena, no Pará, foram contaminados por chumbo, apresentando níveis do elemento no sangue até oito vezes acima de parâmetros internacionais.

É o que mostra um estudo inédito realizado pelo Instituto Evandro Chagas (IEC), vinculado ao Ministério da Saúde. Foram coletadas amostras de sangue de 41 moradores do local em 2012 entre 2013.

Os dados foram publicados no fim de agosto na revista científica *International Journal of Environmental Research and Public Health*. Segundo os pesquisadores, é o primeiro levantamento divulgado em revista internacional que mostra exposição ao chumbo em áreas industriais da Amazônia. [...]

O distrito em que Dom Manuel está inserido é composto por 90 empresas, distribuídas em uma área de 30 km², segundo a Companhia de Desenvolvimento Econômico do Pará. [...]

O estudo do IEC não conclui qual foi a fonte de contaminação — água, ar ou alimentos, por exemplo. E recomenda que a investigação seja aprofundada. Mas aponta que existe uma correlação entre maior consumo de carne vermelha e frango e níveis de chumbo no sangue das pessoas analisadas. Mesmo empresas mais distantes poderiam ter contribuído para a contaminação, dizem especialistas. [...]

Título: O título da notícia contém um resumo da informação, para que, só por ele, já tenhamos ideia do que será abordado.

Quem?: Moradores da comunidade de Dom Manuel.

Onde?: No distrito industrial de Barcarena, no Pará.

O quê?: Foram contaminados por chumbo.

Quando?: Entre 2012 e 2013 (neste caso, o quando da pesquisa).

Quando?: Fim de agosto de 2019 (neste caso, o quando da publicação da pesquisa).

Por quê?: Empresas poluidoras (nesse fragmento há o início do porquê, relacionado à localização da comunidade).

Como?: A pesquisa não conclui qual a fonte, mas associa a contaminação às empresas que atuam na região.

Para+

Para a leitura da notícia completa, acesse o QR Code.



Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2019/09/comunidade-em-area-industrial-do-para-foi-contaminada-por-chumbo-diz-estudo.shtml>. Acesso em: 23/09/2019. Adaptado.

Na notícia destacada, a complexidade da informação fez com que as seis perguntas se dividissem entre os primeiros parágrafos, mas note que o primeiro deles contém a essência do que aconteceu: ele é o lide. O acontecimento retratado é muito sério e mereceria discussões, contextualizações e opiniões. Todavia, isso não é responsabilidade do gênero notícia, já que sua função é apresentar informações rápidas ligadas aos fatos. Para aprofundamentos, é necessário utilizar outros formatos.

Reportagem

Sendo um dos gêneros jornalísticos mais amados, enquanto a notícia nos ajuda a saber do que acontece, a reportagem nos ajuda a compreender os acontecimentos. E isso é necessário porque, em alguns momentos, não basta receber a informação de que algo aconteceu, é preciso entender o que os acontecimentos significam.

A reportagem existe para trazer significados, aprofundamentos e discussões. Acompanhe o exemplo: um jornalista do setor esportivo está produzindo uma notícia com dados que acabaram de chegar. Eles tratam das maiores torcidas de futebol do Brasil, com números totais por região e por estado. Suponhamos que o jornalista trabalhe no Estado do Ceará, onde os clubes mais tradicionais são o Fortaleza (com o nome da capital) e o Ceará (com o mesmo nome do estado). Entretanto, ao observar as informações, ele nota que esses dois times ocupam a terceira e segunda posições, respectivamente, quanto às maiores torcidas. Quem ocupa o primeiro lugar é o Flamengo, time do Estado do Rio de Janeiro.

O jornalista já teria informações suficientes para produzir uma notícia. O “O quê?” seria o dado; o “Quem?” seria a pesquisa, o instituto de pesquisa ou seus realizadores; o “Quando?” seria o momento de divulgação dos dados; o “Onde?” seria o local ou os locais em que o público pesquisado foi ouvido pelos pesquisadores; e o “Por quê?” e o “Como?” poderiam se referir à pesquisa ou à situação, mas seriam menos importantes.

Já em uma reportagem, o jornalista quer levar o leitor a uma reflexão sobre o dado. Nesse gênero, o “Por quê?” e o “Como?” ganham maior destaque do que na notícia, pois o jornalista assume a tarefa de buscar explicações a respeito do fato. No exemplo apresentado, não bastaria saber qual a maior torcida do estado, é preciso entender quais as razões de os torcedores locais preferirem um time de longe a um dos de perto e quais as consequências disso.

Como esse é um gênero informativo-discursivo, não é o jornalista quem deve dar uma explicação, mas, sim, as pessoas que tenham um profundo conhecimento sobre o



assunto. É preciso fazer entrevistas com estudiosos do esporte e especialistas na sua transmissão a fim de perguntar a eles o que se precisa saber. Para dar pluralidade ao conteúdo, é importante falar com torcedores de times locais e distantes, explorando suas histórias de amor pelos clubes. Dirigentes e jogadores também podem trazer boas informações adicionais.

A partir dessa narrativa ficcional, mas baseados em fatos, podemos sintetizar uma definição simples para a reportagem, falar das suas características e da sua função. Quanto à definição, podemos conceber a **reportagem** como um gênero jornalístico informativo-discursivo que se dedica a explicar as circunstâncias.

Diferentemente das notícias, que se dedicam a descrever fatos, as reportagens precisam ir além, buscando sentidos, lógicas, históricos, razões e todo tipo de explicação que ajude a compreender por que os acontecimentos ocorreram da forma que se sucedeu. Esse objetivo de entender os fatos implica em algumas características para a reportagem.

Por mais que esse gênero também procure responder às perguntas que guiam a notícia, estas não são a essência do texto, são apenas o ponto de partida. Isso porque a reportagem se preocupa menos com um fato ocorrido e mais com a razão e as consequências dele. A relação da reportagem com o tempo é diferente da relação que a notícia possui; esta foca no agora, na novidade, no gancho, já a reportagem parte deles e segue para o passado, em busca de razões, ou para o futuro, projetando consequências.

Como a reportagem busca explorar as razões e as consequências, seu texto costuma ser mais longo do que o da notícia; e sua leitura, mais demorada. Para manter a atenção dos leitores e dos espectadores por mais tempo, a estrutura do texto se modifica: no lugar de uma descrição direta, sem muita emoção ou criatividade (como é o caso do lide), a reportagem procura envolver o receptor por meio da escrita, bem como a partir das personagens. Algumas reportagens podem optar por começar o texto com um lide, mas o mais comum é adotar uma linguagem menos técnica.

Enquanto as notícias vão direto ao ponto, as reportagens compreendem que o seu público-alvo tem intenção de investir tempo para entender o assunto e, por isso, costumam produzir textos que são mais elaborados, mais amplos e com mais detalhes. Apesar de tudo isso, continuam valendo as regras da norma culta e da simplicidade, pois o compromisso de ser bem entendido é de todo o jornalismo.

É mais difícil e demorado fazer uma reportagem do que uma notícia. É preciso falar com mais pessoas, procurar dados, analisar documentos, etc. para ampliar a compreensão. Algumas vezes, em temas complexos e com muitas informações, pode ser preciso elaborar gráficos ou infográficos que ajudem no entendimento (os professores de Matemática da escola podem ser ótimos aliados nessa tarefa).



Em resumo, as reportagens são textos jornalísticos dedicados a explicar e discutir questões complexas. Por esse motivo, elas requerem mais tempo e mais dedicação, tanto para os jornalistas quanto para o público.

A linguagem da reportagem permite criatividade e textos mais autorais, mas isso não significa que a informação ou a discussão deva ser colocada em segundo plano. O importante continua sendo informar e discutir. Em relação à produção, a reportagem dá mais trabalho, exige muitas entrevistas e muita preparação, mas os resultados costumam valer a pena.

As lições do professor que transforma crianças carentes em campeãs de Matemática

A história de Luiz Felipe Lins mostra como um bom professor pode ser decisivo na trajetória de seus alunos

Por Flávia Yuri Oshima – Revista Época

Anna Julia do Espírito Santo da Silva, de 15 anos, nunca foi uma aluna exemplar. Seu problema não era a compreensão dos conteúdos, mas a preguiça em concluir as tarefas de classe e de casa. A displicência primeiramente a afastou das notas mais altas. Depois, passou a comprometer o aprendizado. “Fui acumulando defasagem em Matemática”, diz Anna Julia. “Depois de um tempo, já não conseguia acompanhar a turma.” Em 2013, ela foi reprovada no 7º ano.

Com esse histórico, Anna Julia destoa do grupo de crianças com ótimo desempenho acadêmico que a Escola Municipal Francis Hime reuniu, a pedido da *Época*. Para sair na foto dos alunos que são medalhistas da Olimpíada de Matemática do Estado do Rio de Janeiro (Omerj), ela arrumou de improviso uma medalha de prata — tomou emprestada uma das nove de seu amigo Victor Marinho, de 13 anos. Mas não se trata de fraude. Ela havia esquecido a medalha em casa, e aquele era um dia de tirar retrato. Pouco mais de seis meses depois de ter sido reprovada por causa da Matemática, Anna Julia se tornou, de fato, uma atleta dos números: competiu e ficou entre os melhores estudantes de Matemática do Rio de Janeiro.

A mudança brusca na trajetória de Anna Julia com os números se deu depois de alguns meses de aula com Luiz Felipe Lins, de 44 anos, professor de Matemática da Francis Hime, uma escola pública localizada na Estrada do Pau da Fome, em Taquara, um bairro de classe média baixa da zona oeste do Rio de Janeiro. Desde 2005, quando foi criada a Obmep (Olimpíada Brasileira de

Título e subtítulo: O título da reportagem, assim como na notícia, contém um resumo da informação, para que, só por ele, já tenhamos ideia do que será abordado.

No lugar de começar com um lide, a reportagem começa apresentando fatos sobre a vida de uma pessoa, que se torna personagem da história. Essa é uma forma de trazer emoção e criatividade para o texto, sem abandonar a informatividade.

Diferentemente da notícia, a reportagem permite ao jornalista dar espaço para o processo de produção, produzindo no leitor a impressão de estar nos bastidores da produção da reportagem e de proximidade às personagens.

No terceiro parágrafo, a reportagem apresenta a personagem principal: o professor Luiz Felipe.

Matemática do Ensino Público), Anna Julya, Victor e outras dezenas de alunos de Luiz Felipe conquistaram 176 medalhas e centenas de menções honrosas nas quatro versões de olimpíadas de números que existem — duas estaduais e duas nacionais.

Esses números são, por si só, impressionantes. São ainda mais admiráveis porque Luiz Felipe não treina uma garotada pré-selecionada — como fazem alguns cursinhos de ponta, para alardear percentagens admiráveis de sucesso de seus alunos no vestibular. Luiz Felipe dá aula para estudantes da periferia — entre eles, vários moradores de favela — que chegam com todo tipo de dificuldade de aprendizado ao Ensino Fundamental II, a etapa que vai do 6º ano ao 9º ano. Uma vez em sua classe, vários começam a sobressair — quase como por milagre. O desempenho de Luiz Felipe se torna mais reluzente quando se conhecem os indicadores do desempenho alarmante dos estudantes brasileiros em Matemática: apenas 16% das crianças que deixam o 9º ano têm o nível de conhecimento adequado na área. Ao final do Ensino Médio, a taxa cai para meros 9%.

Como Luiz Felipe consegue driblar as estatísticas nacionais e colocar seus alunos entre os melhores do estado e do País em Matemática? Não há uma resposta única para essa questão. Pelo contrário: a resposta pode variar tanto quanto o número de alunos. O segredo do sucesso de Luiz Felipe, a despeito das salas lotadas e da diferença de aprendizado dos estudantes, é ensinar cada criança da forma como ela é capaz de aprender.

Foi assim que ele agiu quando Anna Julya chegou a sua sala de aula. Ela não dominava conceitos que já devia conhecer e se embaralhava com os cálculos. Não à toa, quando as aulas de Matemática começavam, Anna Julya ficava na defensiva. Era quieta e absolutamente desinteressada. Aquela era a disciplina que dera a ela seu primeiro grande fracasso na vida escolar. Luiz Felipe seguia com suas aulas e observava o efeito de diferentes estratégias na garota. Como era seu rendimento quando trabalhava em grupo? Ela manuseava material para comprovar alguma teoria? Finalmente, Luiz Felipe encontrou uma outra Anna Julya quando lançou em sala um jogo em que cabia aos alunos decifrar um enigma. “Ficou evidente que ela gostava de desvendar problemas”, diz Luiz Felipe. “Quando deparava com um, ela se concentrava até descobrir o caminho da resposta.”

Ao ver como a disposição de Anna Julya mudava quando tinha de resolver problemas, Luiz Felipe passou a adaptar os conteúdos de Matemática que ela deveria aprender para esse formato. A menina começou então a se aplicar nos cálculos mais difíceis para chegar às soluções de cada problema. “Passei a trabalhar outros conceitos nesse formato com ela”, diz Luiz Felipe. Quando o professor sugeriu que ela se inscrevesse na olimpíada, Anna

Na reportagem, os dados da situação costumam ser aproximados e amplificados, seja para comprovar uma tendência, seja para apontar uma alternativa. Nesse caso, trata-se de uma alternativa, já que o professor e os seus alunos conseguem resultados melhores que a média nacional.

Seguindo o título da reportagem, esta é a principal lição demonstrada pelo professor: ensinar para cada estudante a partir das suas capacidades.

A reportagem, mesmo quando parece tratar da história de uma pessoa, como as personagens Anna Julya e Luiz Felipe, na verdade utiliza os personagens para nos fazer pensar sobre realidades mais amplas.

Julya achou que fosse uma brincadeira. “Disse para ele que eu era péssima em Matemática”, diz ela. “Daí ele falou: ‘Para com isso, menina, ninguém lida com problemas como você’. E não foi que eu ganhei?”, diz sorrindo. [...]

Teoria tem hora

Adiar teorias é uma prática comum de Luiz Felipe. Para ele, é um engano exigir da criança abstrações, como fazê-la imaginar o que são números negativos ou frações. Antes, é importante mostrar do que se trata no mundo das coisas concretas. “Nos Estados Unidos, aprende-se fração aos 8 anos. Por lá, eles falam em um quarto de hora e um quarto de dólar”, diz Luiz Felipe. “Aqui, não há esse contato concreto com a fração. Por isso, torna-se mais difícil para a criança imaginar o que é isso.” Antes de encarar contas com frações, os alunos de Luiz Felipe têm de se armar com uma folha de papel de tamanho A4 e medir, com essa folha, quantos metros quadrados tem a sala em que estão. O próximo passo é ir até um pedreiro e entrevistá-lo sobre o material necessário para construir uma sala daquele tamanho.

Com a receita em mãos, as crianças têm o fim de semana para visitar uma loja de materiais de construção. Lá descobrem que dois pacotes de cimento não são suficientes, mas três são demais. Ao chegarem à quantia exata de material, as crianças descobrem que precisarão comprar dois sacos e um terço de cimento, dez pacotes e meio de tijolos e três litros e meio de tinta. [...]

“Ele nos mostra para que servem as coisas! A gente não decora; quando vamos lá fazer, sabemos o que queremos descobrir”, diz Lucas Coelho, de 14 anos, um dos medalhistas olímpicos de Luiz Felipe. Nos dois anos em que competiu nas olimpíadas de Matemática, Lucas ganhou uma medalha de bronze e uma menção honrosa. Fala com tal empolgação das aulas de Luiz Felipe que levanta a voz e os amigos pedem calma. “A maioria dos professores fica brava quando perguntamos para que serve o que estudamos”, diz.

Como Luiz Felipe virou professor

A maior análise de dados já feita em educação mostra que, de todos os fatores com influência na vida do aluno, do ambiente à educação dos pais, nenhum tem tanto impacto quanto ter um bom professor. Para chegar a essa conclusão, a pesquisa feita pelo neozelandês John Hattie, diretor do Instituto de Pesquisas em Educação da Universidade de Melbourne, na Austrália, cruzou informações de 65 mil grandes estudos feitos nos centros de pesquisa mais conceituados do mundo. O levantamento concluiu que cada ano de aula com um professor excelente faz com que as crianças

Subtítulo: Como o texto das reportagens é bastante longo, é comum utilizar subtítulos para organizar o texto e a leitura.

É possível notar que a reportagem apresenta muitas fontes diferentes, mas que os assuntos não se repetem, ou seja, cada um fala de aspectos diferentes.

Subtítulo: Ainda que o subtítulo se volte diretamente para o professor, o texto não se reinicia falando de Luiz Felipe, mas de uma pesquisa que afirma a importância dos professores. Os dados externos se unem ao caso particular para aprofundar as informações trazidas pela reportagem.

avancem o equivalente a um ano e meio em relação a quem tem um mestre mediano. O efeito de ter bons professores durante vários anos é decisivo: os alunos têm muito mais chance de entrar numa faculdade e, conseqüentemente, de obter melhores empregos e ter uma renda significativamente maior.

A questão que atormenta os governos é: como formar professores excelentes? A história de Luiz Felipe dá algumas pistas. Embora seja comum ouvir que “Ele nasceu com o dom de dar aula”, Luiz Felipe na verdade desenvolveu suas habilidades com muito trabalho e recorrendo à ajuda dentro e fora da escola. A primeira vez que Luiz Felipe encarou sozinho uma sala de aula foi uma surpresa para ele. Como aluno do terceiro ano de Matemática da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), ele cumpriria seu primeiro dia de estágio fora dos muros da universidade. Ele aguardava o professor de Matemática numa escola estadual para jovens e adultos na periferia do Rio, quando o diretor entrou na sala e o informou que o professor, a partir daquele dia, seria ele. “Fui um desastre de professor”, lembra Luiz Felipe. “Ora dava exercícios muito adiantados, ora muito básicos. Não fazia a menor ideia de como começar cada aula.”

Depois desse fiasco, Luiz Felipe pediu ajuda aqui e ali, na faculdade e na própria escola, até conseguir estruturar o que chama de *esquema clássico de aulas*. Explicava o ponto e dava exercícios para a turma. Em alguns meses, seus alunos conseguiram recuperar o atraso. À medida que se tranquilizava com a tarefa de ensinar, outra inquietação surgia. Luiz Felipe percebeu que suas aulas eram tediosas e metódicas, iguais às da sua infância. “Eu não tinha ideia se os alunos com as melhores notas tinham compreendido o que deveriam ou se apenas memorizaram”, diz.

Essa angústia o levou a procurar a turma do *Projeto Fundão*, um grupo de professores de Matemática que se encontra para discutir formas de melhorar as aulas. O nome vem do *campus* da Ilha do Fundão, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), local onde ocorrem as reuniões. “Lá tive contato com teorias sobre como ensinar, algo que não tinha estudado na faculdade, e encontrei professores com problemas parecidos com os meus”, diz ele. Luiz Felipe frequentou os encontros semanais por dois anos. “No Fundão, entendi o que me faltava para ser um bom professor. Mas onde aprendi, na prática, a dar aulas foi num curso chamado *Álgebra para a sala de aula*, na Pontifícia Universidade Católica (PUC)”, afirma. “Até então eu era um matemático tentando desastrosamente dar aula.” Durante os dois anos na PUC, Luiz Felipe desenhou sua didática. “Ela nasceu das dificuldades e da realidade dos meus alunos.”

Disponível em: <https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/10/licoes-do-professor-que-transforma-criancas-carentes-em-campeas-de-matematica.html>. Acesso em: 23/09/2019. Adaptado.

A reportagem utiliza a história particular do professor não para contar sobre sua vida privada, mas para utilizá-la como exemplo para os governos de como formar professores excelentes.

A ideia defendida é a de que os professores precisam de ajuda para se desenvolver e, assim, desenvolver os estudantes.

É comum que as entrevistas realizadas durante a apuração da reportagem apontem para outras iniciativas e outros projetos. Como na reportagem é bom ampliar a percepção, não há problemas em mencioná-los.

Para+

Para ler a reportagem completa, acesse o QR Code.



Nesse exemplo, percebemos um modo diferente de fazer jornalismo em relação ao que é praticado na notícia. Na reportagem, há espaço para personagens, histórias, emoções, fatos, dados históricos, tudo isso costurado por um texto que pode seguir diversos caminhos, desde que não se esqueça de informar e discutir.

A reportagem é um dos gêneros mais amados do jornalismo, como vimos no começo da seção, justamente porque ela realiza a união entre informação, discussão, conhecimento e beleza narrativa como nenhum outro formato. Ela faz isso a partir de dados, informações e, principalmente, de pessoas reais e das suas histórias.

Uma notícia pode trazer uma média de reprovações entre alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, já a reportagem vai tentar buscar explicações para isso, ouvindo especialistas, professores e alunos que vivem/viveram o drama. Em geral, as reportagens nos permitem aprender que os números apresentados são coletados de pessoas reais.

Esse gênero é adequado para temas que merecem mais atenção, que demandam mais esforço para ser compreendidos e para questões polêmicas, em que pessoas têm opiniões distintas. Ao aumentar o número de fontes, o que é necessário para as reportagens, esse gênero exige de nós uma atenção maior para pluralidade, ou seja, a variedade de vozes, as opiniões e os pontos de vista.

Entrevista

Talvez agora você esteja confuso, afinal já falamos de entrevistas antes, tanto no início do livro quanto nas seções sobre notícias e reportagens. Todavia, a de que falaremos agora é outra. Veremos que a entrevista, além de ser uma ferramenta de apuração, pode ser um gênero jornalístico.

A **entrevista como ferramenta de apuração** é um diálogo entre o jornalista e a fonte para obter informações que aparecerão em notícias, reportagens, entre outros. Já a **entrevista como gênero** é um tipo de texto que é produzido quando a conversa entre o jornalista e a fonte é um conhecimento que vale a pena ser divulgado, normalmente porque as fontes desse tipo de entrevista têm um conhecimento ou uma experiência destacável.

A produção do gênero entrevista pode ser previamente intencionada. Por exemplo, acontece quando políticos, artistas ou especialistas são



convidados para falar de uma medida do governo, de uma obra ou de um assunto complexo. Mas também pode ser produzida quando o jornalista percebe que o material de um entrevistado, que iria compor um texto, traz informações valiosas e encorpadas.

Quanto ao formato, a entrevista é composta de um texto inicial, que apresenta o entrevistado e explica a razão que o autoriza a tratar do tema, no caso de especialistas ou políticos; ou que apresenta o entrevistado e um pouco da sua trajetória, no caso de personalidades que são o assunto do diálogo entre o jornalista e a fonte.

Depois da apresentação, há uma sequência de perguntas e respostas, que é uma das partes mais trabalhosas da entrevista, assim como o diálogo e a edição. A **seleção das perguntas** e o **diálogo** andam juntos, visto que a primeira se refere à preparação para entrevistar e o segundo ressalta que uma boa entrevista não é só um conjunto de perguntas e respostas, mas um encontro de duas pessoas.

Quanto melhor e mais confortável for a conversa entre o jornalista e o entrevistado, mais a fonte estará disposta a falar e melhor será o conteúdo final.

Por esse motivo, é muito importante prestar atenção nas respostas e utilizá-las para elaborar outras perguntas, além das que foram preparadas. As perguntas prévias servem como guia e como garantia de que você não ficará sem ter o que perguntar, não devem ser uma prisão para o entrevistador, afinal, nada pior do que conversar com alguém que parece não estar prestando atenção.

A **edição** acontece depois que a entrevista é finalizada e é o momento em que o jornalista transcreve as respostas do entrevistado e as organiza. Nesse momento, é importante se preocupar com a fidelidade ao que foi dito. É permitido fazer pequenas modificações e ajustes no texto, para adaptação da oralidade (característica do texto falado) para a modalidade escrita, mas sem comprometer o sentido do que foi dito.

Para fixar bem, vamos ver trechos de uma entrevista do jornal *Folha de S.Paulo* com a jogadora de futebol Marta.



“Se jogasse no futebol masculino, não precisaria trabalhar nunca mais”, diz Marta

Eleita pela sexta vez melhor do mundo, brasileira planeja disputar sua quinta Copa em 2019

Por Luiz Cosenzo e Bruno Rodrigues

A simplicidade no jeito de conversar e no trato com as pessoas fazem o interlocutor pensar que não está diante da melhor jogadora de futebol do mundo, mas da menina humilde que jogava bola nas quadras e nos campinhos de Dois Riachos, interior de Alagoas.

Em setembro deste ano, a atacante Marta, 32, foi eleita pela sexta vez a melhor futebolista do planeta. Não há na história do esporte nenhum atleta, homem ou mulher, que tenha recebido esse prêmio tantas vezes. Nem Cristiano Ronaldo e Lionel Messi, com cinco troféus cada um.

Mesmo assim, não é possível comparar os ganhos financeiros dos dois craques com os da brasileira. O que leva Marta, inclusive, a já pensar no que fazer depois que encerrar sua carreira.

[...]

Seis vezes eleita a melhor do mundo, o que Marta ainda sonha conquistar?

Meu sonho já aconteceu, que era jogar futebol, ser profissional, chegar à Seleção e viver do futebol. Agora, quero aproveitar as chances que surgirem. Em 2019, quero começar superbem para que isso possa se refletir no meu time e na Seleção. Fazer um grande Mundial e buscar o título, que já estive tão próximo.

A Marta já fez o pé-de-meia?

Eu vivo bem. Não tenho do que reclamar. Porém, no futebol feminino é muito pouco o que ganhamos comparado com o masculino. Você sabe que a maioria dos grandes jogadores tiveram dificuldades financeiras, a família

Título: Algumas vezes, os títulos trazem **falas dos entrevistados**.

Subtítulo: Às vezes, apresentam um resumo, que diz quem é o entrevistado e qual o assunto abordado.

Apresentação: É comum trazer informações sobre a história do entrevistado, sobre o clima da entrevista e sobre o assunto. Nesse caso, há os três. O texto começa descrevendo o **comportamento da jogadora de futebol, um pouco das suas conquistas** e, por fim, **um dos temas da entrevista:** a diferença financeira entre os salários dos jogadores e das jogadoras de futebol.

Pergunta: As perguntas podem fazer referência ao entrevistado e à sua história, bem como ao assunto base e a outros.

Pergunta: A depender do clima da entrevista, é possível fazer perguntas de cunho pessoal, mas é importante acordar com o entrevistado as partes que serão expostas ao público.

é enorme. E eu? Eu também. Não falta comida na mesa, não vivo mal, mas não tenho regalia. Se eu jogasse futebol masculino, não precisaria trabalhar nunca mais. Se eu parar, vou precisar continuar fazendo alguma coisa.

Qual seria o maior reconhecimento do País para você?

Fomentar a modalidade, o incentivo, a busca de melhorias constantes. É bom você perceber que o que se propôs a fazer está fazendo a diferença, está ajudando não apenas você, mas outras meninas. Esse é o melhor reconhecimento.

Algumas modalidades equipararam valores de premiação para homens e mulheres. O futebol feminino está longe disso, principalmente no Brasil. Pensa em levantar essa bandeira?

Isso é a desigualdade existente. Eu sempre levanto essa bandeira. Sou embaixadora da ONU. Está incluso no nosso trabalho. Eu falo isso constantemente. A gente luta para que possamos a cada dia sentir que está diminuindo essa desigualdade. Ainda está muito distante, porém não é apenas no Brasil. O futebol na Europa é a mesma coisa. É uma disparidade.

A seleção ficou fora do pódio em Londres 2012 e no Rio 2016 e também nos dois últimos mundiais. Paramos no tempo?

É difícil você querer que surjam talentos sem ter incentivo. Muitas meninas pararam porque não conseguiram ver uma chance. Ter de estudar e sair correndo para o treino não sendo remuneradas. Chega um momento em que se sentem exaustas, cansadas. Aí fica difícil. Lá fora as seleções têm uma facilidade maior de encontrar o produto. O trabalho foi muito lento de renovação aqui. Quando parou a Pretinha, não veio outra; quando parou a Roseli, não veio outra. É isso atrapalha.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/12/se-jogasse-no-futebol-masculino-nao-precisaria-trabalhar-nunca-mais-diz-marta.shtml>. Acesso em: 25/09/2019.

Pergunta: Une a ação pessoal da jogadora e a realidade do futebol.

Pergunta: Pede uma opinião sobre a situação do futebol no Brasil.

Para+

Para ler a entrevista completa, acesse o QR Code.



Antes de finalizar essa seção, é importante resumir alguns elementos. A **entrevista** é um gênero jornalístico dedicado a apresentar fontes notórias para a discussão ou a compreensão de um assunto. Quanto ao formato, ela une uma pequena introdução e um conjunto de perguntas e respostas.

Esse gênero pode ser **informativo**, quando a entrevista serve para trazer um relato de experiência (como um artista ou um pesquisador que conta sobre seus trabalhos); e também **opinativo**, quando o entrevistado é chamado para defender um ponto de vista (é o caso de um político que dá entrevista sobre uma medida polêmica em seu governo). No caso de a entrevista ser opinativa, o jornal deve assegurar a pluralidade entrevistando também lideranças que defendam ideias diferentes. Em assuntos polêmicos, uma estratégia bastante interessante é fazer a mesma pergunta para fontes distintas e ver como elas respondem. Essa estratégia também é útil para que os leitores do jornal possam compreender a diferença de pontos de vista.

A entrevista como gênero é muito útil quando o entrevistado é uma autoridade no assunto e quando os jornalistas querem transmitir ao público a sensação de estar participando de uma conversa, afinal são lidas exatamente as palavras da fonte. Assim como a reportagem, as entrevistas costumam ser lidas por quem quer saber mais, seja sobre o assunto, seja sobre a fonte, por isso é importante caprichar tanto no texto introdutório, quanto nas perguntas.



Gêneros opinativo-argumentativos



A partir de agora, entraremos no segundo grupo de gêneros: os opinativo-argumentativos. Enquanto as notícias, as reportagens e as entrevistas cumprem um papel mediador, levando para as pessoas os fatos, os contextos e os argumentos de autoridades (desde que relevantes, seguros, plurais e atuais), no gênero opinativo-argumentativo é o próprio jornalista quem se posiciona.

Com isso, não pense que esses gêneros são mais simples, como se fosse só dizer o que pensa e está tudo certo. Neles, é ainda mais importante reforçar a presença das quatro características, que, pra lembrar, são: a relevância, a segurança, a diversidade e a atualidade. Além disso, uma verdadeira opinião nunca está separada de um argumento, por isso o gênero é **opinativo-argumentativo**, o que significa que as opiniões são justificadas por argumentos.

Diferentemente das notícias, reportagens e entrevistas, que possuem maior exigência estrutural, os gêneros opinativo-

argumentativos não seguem padrões fixos quanto ao formato. Não há uma fórmula ou exigências muito definidas para a construção de um artigo, de um editorial, de uma crônica ou de uma crítica. Assim, para podermos exercitar esses formatos, precisamos entender o que eles são e o que objetivam.

Normalmente, nos jornais escolares, os gêneros opinativo-argumentativos recebem menos espaço. Ainda assim, por considerar que eles são excelentes ferramentas de aprendizagem, já que estimulam discussões, construção de opiniões e cidadania, vamos a uma breve apresentação de alguns dos gêneros.

Vale salientar que a liberdade de expressar uma opinião não é um direito sem limites. Isso quer dizer que as opiniões não devem ser escondido para discursos de ódio ou de violência contra a dignidade de pessoas e grupos. O compromisso do jornalismo com toda a população, com a cidadania e com a justiça é mais importante do que a fala de uma pessoa.

Artigo jornalístico

O **artigo jornalístico** é um texto opinativo-argumentativo que tem por objetivo expressar a opinião do autor sobre algum tema. Nesse caso, o jornalista pode opinar sobre algo que aconteceu na escola, sobre um problema social existente ou ainda sobre soluções que acredita poderem funcionar, trazendo, em qualquer caso, elementos que confirmem, expliquem e fortaleçam a sua opinião.

Os artigos também podem expor comentários e assumir um lado de discussões, mas, como trazem opiniões, eles precisam ser assinados pelo seu autor, o que nem sempre acontece em notícias e reportagens, e precisam estar em uma seção marcada como opinativa.

Sua função não é dizer o que aconteceu, pois esta é obrigação da notícia, e também não é apresentar opiniões de especialistas e autoridades diversas, já que esta é função da reportagem. No artigo, um autor bem informado compartilha a sua interpretação do acontecimento e, o que é mais importante, permite que um debate se desenrole depois.

The screenshot shows a web browser window displaying a news article on the website 'globo.com'. The page header includes the site logo, navigation links like 'g1', 'gshow', and 'globoplay', and a search bar. The article is categorized under 'MUNDO' and 'GUERRA NA UCRÂNIA'. The main headline is 'Rússia diz que condição para fim de ataque é desarmamento da Ucrânia'. Below the headline is a sub-headline: 'Kremlin não cita mais entrada na Otan e diz que ofensiva só será interrompida se Kiev estiver disposta a se desarmar'. The author's name is 'André Duchiae' and the date is '24/02/2022 - 15:19 / Atualizado em 09/03/2022 - 12:31'. There is a photo of two Ukrainian tanks on a road. The caption below the photo reads: 'Tanques ucranianos após a invasão russa nesta quinta-feira Foto: CARLOS BARRIA / REUTER'. Social media sharing icons for Facebook, Twitter, and WhatsApp are visible at the bottom left of the article content.

Em sua coluna no *O Globo*, o repórter André Duchiae aborda questões atuais sobre o que acontece no mundo.

Nos jornais profissionais, é comum que os artigos sejam escritos por jornalistas mais antigos na profissão ou que possuem alguma especialização ou dedicação específica a um assunto. Isso não quer dizer que um jornalista amador não possa produzir um artigo, mas enfatiza a importância da tarefa, visto que, ao assumir a responsabilidade de fazê-lo, o autor deve se dedicar a ler e a estudar bastante o assunto antes de escrever o texto.

Para+

Para ler o artigo completo, acesse o QR Code.



Com isso, conclui-se que uma opinião é desenvolvida a partir de estudos e reflexões. Sem esse esforço, não é opinião, é achismo, ou seja, é apenas o que se acha, e não o resultado de uma análise.

Em um artigo, há uma preocupação moderada com a pluralidade. Por um lado, o texto argumenta a favor de um lado da discussão; por outro, é essencial a preocupação com a relevância do tema, com a segurança dos indícios que sustentam as opiniões e com a atualidade do debate, bem como é necessário dar espaço para textos que defendam opiniões diferentes. Assim, sobre a pluralidade nesse gênero, o jornal escolar precisa se manter aberto para dar espaço a opiniões divergentes e, até mesmo, a críticas ao artigo e demais textos de opinião.

Editorial

O editorial, assim como o artigo jornalístico, também serve para manifestar uma opinião, que, nesse caso, não é de um jornalista ou convidado, mas do próprio jornal. Todo jornal, enquanto instituição, tem opinião, e é nesse espaço que ela é manifesta. Normalmente, o editorial costuma trazer as palavras do editor-chefe ou de algum dirigente, todavia não é assinada, pois não é o autor do texto que assume a responsabilidade pelo que foi dito, mas o jornal como um todo.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA do Estado de São Paulo

19ª Legislatura - São Paulo, 26 de Abril de 2022

Institucional ▾ Deputados ▾ Processo Legislativo ▾ Comissões ▾ Legislação ▾ Documentação ▾ Comunicação ▾ Transparência ▾

Buscar no site 🔍

Início > Comunicação > Notícias

Aprovada na Alesp, lei que proíbe o uso de canudos plásticos no Estado completa dois anos

Artigo foi substituído por outros componentes que se desintegram mais facilmente no ambiente

29/07/2021 11:09 | Lei estadual | Natália Belo

Compartilhar:    

PLÁSTICOS SÃO UMA DAS MAIORES FONTES DE POLUIÇÃO; RECICLAGEM AINDA PATINA

Lei 17.110, de 12 de julho de 2019, proíbe o uso de canudos plásticos no Estado de São Paulo

2% do plástico produzido é aplicado na produção de copos, talheres e canudos

meladas de plásticos

clados em 2019,

Notícias relacionadas

- Lei que institui Semana dos Direitos dos Animais completa 10 anos no Estado de São Paulo
- Após aprovação da Assembleia Legislativa, São Paulo celebra o primeiro Agosto Indígena
- Com legislação mais dura, autuações por caça ilegal no Estado de São Paulo crescem 23%
- Aprovado na Alesp, programa Vizinhança Solidária cresce e já está presente em 267 cidades do Estado
- Lei aprovada na Alesp reduz em 18% valor de remédio para tratamento da AME
- Lei paulista que proíbe venda de bebidas alcoólicas a menores autua 3,3 mil estabelecimentos em dez anos
- Lei da Assembleia Legislativa de São Paulo, Patrulha Maria da Penha já realizou quase 1,6 mil atendimentos

Notícias mais lidas

Para ler o editorial completo, acesse o QR Code.



Editorial de julho de 2021 do jornal *online* da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp), em que é abordada a proibição do uso de canudos de plástico no estado, que já completou dois anos.

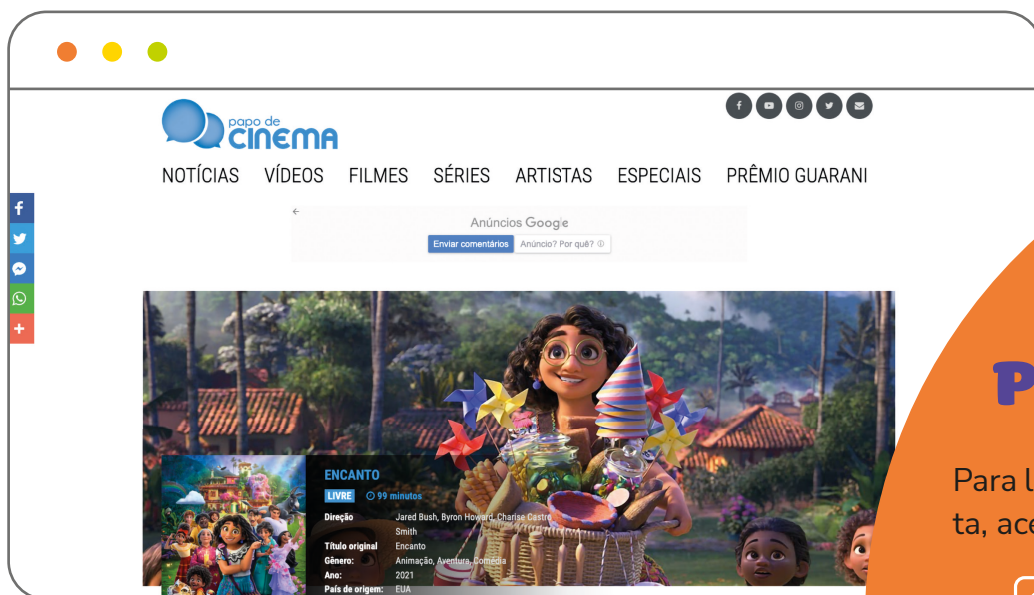
No caso de um jornal escolar, todos devem escolher o tema e o posicionamento do editorial. Como apenas uma pessoa ficará responsável por transformar a opinião coletiva em palavras, é essencial que o texto pronto seja visto por todos e, se necessário, modificado antes da publicação.

Assim como o artigo, o editorial pode tratar de diversas questões, desde que sejam relevantes e atuais, mas nele é comum que se dê preferência aos valores que fazem parte da fundação de um jornal. Em um jornal escolar que se dedica a transformar os estudantes em protagonistas e escritores de informações, discussões e opiniões, assim como a valorizar a educação e a informação no processo de desenvolvimento das pessoas, é comum que esses temas estejam entre os preferidos.

Normalmente, o editorial também serve para introduzir edições do jornal, organizando e opinando sobre temas que serão desenvolvidos em notícias, reportagens, entrevistas, artigos de opinião e outros. Quanto ao tamanho, o editorial é diferente do artigo jornalístico: enquanto este pode ser tão longo quanto deseje o autor e o quanto seja possível, considerando o espaço do jornal; os editoriais costumam ser menores, organizando-se em uma introdução, alguns parágrafos de desenvolvimento e uma conclusão.

Crítica

Também chamada de **resenha crítica**, ou apenas **resenha**, é um gênero jornalístico opinativo-argumentativo que avalia a qualidade de uma obra ou de um produto cultural, como livros, filmes, séries, peças teatrais e produtos musicais. Em seu conteúdo, a crítica costuma misturar uma descrição da obra, apresentando-a ao público, a uma avaliação da qualidade.



Uma novidade dos estúdios da Disney é a animação *Encanto*, que apresenta a família Madrigal, na qual cada pessoa tem um poder, exceto a Mirabel, o que nos leva a refletir se isso seria um mérito ou uma desvantagem.

Para+
Para ler a crítica completa, acesse o QR Code.



Assim como nos outros gêneros opinativo-argumentativos, é preciso amadurecer a opinião e deixar claro o motivo de uma avaliação positiva, negativa ou mista. Mas, diante de produtos culturais, em alguns momentos o crítico pode manifestar **juízos de valor** que dizem respeito aos seus gostos pessoais, porém só devem aparecer quando for inevitável.

O tema e a linguagem da crítica dependerão do objeto cultural a ser analisado e do público ao qual se destina. A norma culta e o texto simples continuam sendo válidos, mas é comum adicionar gírias ou expressões próprias do ambiente cultural. Se elas forem pouco conhecidas, é importante fazer um tipo de tradução, explicando o que significam, para contextualizá-las nesse gênero.

Mesmo sendo um texto opinativo, a crítica também possui certo papel informativo e educativo, afinal, ela apresenta, na sua síntese inicial, as características básicas dos produtos e, na sua análise, compartilha uma forma de ler e avaliar esse produto. A crítica, assim como o artigo e o editorial, estimula discussões e pode gerar críticas dos leitores; estas não são indícios de um problema, elas representam que o público compreende que pode ter um lugar no jornal.

Em todo jornal realmente comprometido com o público, e não seria diferente no seu jornal escolar, é importante reservar um espaço para a participação do público. Por razões históricas, esse espaço costuma ser a seção *Carta dos leitores*, mesmo que, na atualidade, seja bastante incomum enviar ou receber cartas. Independentemente do nome, essa seção é fundamental, pois abre espaço para o diálogo com pessoas que estão fora do processo produtivo. Dois dos grandes motivos que reforçam a importância desse espaço são o estímulo à participação e a possibilidade de avaliar e reavaliar o jornal que está sendo produzido, não só a partir de conceitos, mas também a partir dos leitores.

Crônica

A crônica jornalística é um **texto híbrido**, ou seja, composto por elementos diferentes, que fica entre o jornalismo e a literatura. Mais do que em qualquer outro formato, nela cabe a utilização dos verbos em primeira pessoa — afinal, na crônica, o autor se volta para o cotidiano e relata acontecimentos, situações e questões sob seu ponto de vista.



Por se tratar de jornalismo, os autores das crônicas falam sobre conteúdos do cotidiano que, de alguma forma, tenham algo a dizer para as pessoas. A finalidade da crônica é trazer experiências subjetivas e compartilhar formas de observar a realidade.



A crônica *18 ANOS – A IDADE “MÁGICA” – Leopoldina-MG – 1966*, do jornalista e escritor leopoldinense Edson Gomes Santos, refere-se ao registro de um evento que ocorreu em sua vida, a sua maioridade.

A crônica não segue uma estrutura fixa, mas contém duas marcas: o desenvolvimento de uma reflexão e a intimidade com as palavras. Os textos das crônicas costumam ser envolventes e criativos. Assim como os artigos e os editoriais, as crônicas podem refletir sobre acontecimentos que foram apresentados em notícias ou discutidos em reportagens. A diferença é que, nesse momento, o autor não se preocupa em avaliá-los, apenas em compartilhar experiências diretas ou indiretas que vivenciou a partir deles.

Para+

Para ler a crônica completa, acesse o QR Code.



Charge

A charge também é um importante gênero jornalístico. Seus autores, os chargistas ou cartunistas, utilizam imagens para criticar e retratar a realidade com humor e arte. A palavra **charge** vem do francês e significa **carga**, **exagero** ou **acusação**. Essa palavra não poderia ser mais adequada, pois as charges estão entre os gêneros mais combativos e críticos.

Quanto à linguagem, é comum que esse gênero exagere nas características da personagem, como uma marca registrada para melhor reconhecimento do público, e mescle texto verbal e não verbal para retratar uma cena.

Assim como outros formatos jornalísticos, as charges são representantes do cotidiano, já que se preocupam com a atualidade, a relevância e a segurança da informação.



Charge de Laerte Coutinho publicada em setembro de 2018 na *Folha de S. Paulo*. Ela faz alusão tanto ao incêndio que acometeu o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, naquele ano quanto ao crescimento de ideias conservadoras no período eleitoral que estava em curso, utilizando a figura do dinossauro.

Por meio das charges, é possível refletir sobre a política, sobre a sociedade e reforçar posicionamentos e opiniões. No Brasil, esse gênero jornalístico foi uma importante ferramenta política durante a ditadura militar, pois a ironia e a sutileza faziam com que algumas peças conseguissem escapar à censura, além de ser enfático e rápido. Enquanto um artigo demanda muitas páginas para expressar uma ideia, a charge costuma ser breve e precisa.

Entre alguns nomes importantes que fizeram e fazem parte da história das charges brasileiras, estão Henfil, Millôr Fernandes, Angeli, Glauco e Laerte. Para a produção do jornal escolar, pode ser muito útil procurar colegas que gostem de desenhar e pedir que façam charges compatíveis com o jornalismo e com os seus valores.

Embora existam outros gêneros jornalísticos, por ora é importante assimilar esses conhecimentos e treiná-los, assim estaremos prontos para fazer escolhas e construir o nosso jornal.

Para+

Nenhum acontecimento relevante escapa à crítica bem-humorada dos chargistas. Em dezembro de 2019, a *Folha de S. Paulo* publicou uma coletânea de charges resumindo importantes acontecimentos daquele ano. Para ver a coletânea, acesse o QR Code.



Das hienas ao óleo,
faça um passeio por
2019 em 19 charges
Folha de S. Paulo



Agora é sua vez!

1. Os gêneros jornalísticos são formatos típicos que caracterizam os textos e se relacionam com os objetivos de cada produção. Relacione as três colunas a seguir, ligando o gênero a uma descrição da sua função e a um tema em que poderia ser aplicado.

Notícia	Gênero jornalístico utilizado para dar destaque a fontes que possuem uma experiência destacável e ao seu conhecimento do assunto.	Por que defendemos o ensino de Filosofia e Sociologia em todas as salas de aula brasileiras?
Reportagem	Gênero jornalístico adequado para avaliar produtos culturais, o que é feito apresentando razões e provas da avaliação.	Time de futebol da escola recebe novos uniformes.
Entrevista	Gênero que explora os acontecimentos em uma dimensão contextual, buscando compreender origens e consequências.	Animais de estimação não são produtos nem brinquedos.
Crítica	Gênero curto que procura informar sobre algo que ocorreu, bem como apresentar as circunstâncias em torno do fato.	Último filme dos Vingadores não manteve a qualidade narrativa dos anteriores.
Editorial	Gênero opinativo-argumentativo em que o jornalista ou colunista apresenta sua opinião sobre um tema relevante e atual.	Professora tira dúvidas sobre a Olimpíada de Matemática e compartilha a experiência adquirida nos anos anteriores.
Artigo de jornal	Gênero que expõe a opinião do jornal ou apresenta a edição e suas características.	Nas escolas brasileiras, o futebol continua sendo um esporte majoritariamente praticado por meninos.

2. A notícia é o gênero jornalístico mais popular, o que se deve à sua simplicidade, praticidade, agilidade e grande capacidade de transmitir muitas informações. Em geral, as notícias se desenvolvem em torno de seis perguntas fundamentais: Quem? O quê? Quando? Onde? Por quê? e Como? Para praticar a elaboração de notícias, crie respostas, em seu caderno, para essas seis perguntas e elabore um título e um lide com base nas fotos seguir.



Tomaz Silva/Agência Brasil Rio de Janeiro-RJ



Bebeto Karolla/ Folha de Búzios.



Getty Imagens

3. As reportagens estão entre os gêneros mais amados do jornalismo, isso porque elas permitem aprofundar o tratamento dos temas, indo além dos acontecimentos e atingindo causas, consequências e até a experiência particular de pessoas atingidas. Pela amplitude, as reportagens costumam demandar mais espaço e mais fontes do que as notícias ou as entrevistas. Sobre as fontes de uma reportagem, assinale, entre as alternativas a seguir, a única fonte ou abordagem que **não** seria adequada para uma reportagem sobre a importância do esporte para a educação.
- O professor de Educação Física, para abordar o que os esportes podem ensinar além de regras e técnicas.
 - O profissional pedagogo da escola, para detalhar as formas de aprendizado que estão fora da sala de aula, com destaque para os esportes.

- c) Os pais que não permitem que seus filhos participem de aulas de Educação Física por motivos religiosos.
- d) Os estudantes que melhoraram o desempenho na sala de aula depois de iniciar práticas esportivas.
- e) Atletas ou treinadores, para questioná-los sobre como a educação também ajuda no desempenho nos esportes.

4. O gênero entrevista inicia-se com uma apresentação do entrevistado e do assunto que será discutido. Para praticar esse formato, em seu caderno, elabore um título, um texto de abertura e um conjunto de cinco perguntas, no mínimo, a partir do assunto destacado a seguir.

- Grupo de teatro da escola completa cinco anos.
- O projeto é coordenado pela professora de Teatro Carla Martins.
- Mais de 250 estudantes já se envolveram nas atividades do grupo ao longo dos anos de existência.
- O grupo já inspirou alunos a seguirem carreira profissional em teatro.
- Em comemoração aos cinco anos de atuação, a escola planeja novidades.

5. Enquanto os gêneros informativos apresentam acontecimentos, explicam conjunturas e expõem fontes, nos gêneros opinativo-argumentativos os jornalistas amadores, colunistas, críticos e chargistas apresentam as suas opiniões. Sobre esses gêneros, assinale a alternativa **correta**.

- a) A preocupação com a segurança da informação e com a relevância não atinge os gêneros opinativo-argumentativos, afinal será verdadeiro e relevante o que a pessoa que escreve achar e apreciar.
- b) Não há qualquer exigência de formato a respeito desses gêneros.
- c) A função desses gêneros é menos relevante para o jornalismo do que a desempenhada pelos gêneros informativos e discursivos.
- d) A charge é um gênero jornalístico opinativo, mas, por focalizar a imagem, não é capaz de sustentar um argumento.
- e) É importante equilibrar opiniões diversas e comprometer-se com a obrigação de dar espaço aos que queiram expor outros pontos de vista.

O percurso de produção de um jornal



Para+

No QR Code a seguir, acesse uma plataforma para criar e divulgar o seu jornal.



Modelos interativos de Flipsnack
Flipsnack

Depois de muitos primeiros passos, pelos quais conhecemos diversos conceitos para nos ajudar a compreender o jornalismo e os seus produtos, a partir de agora este livro se tornará um guia mais direto.

A produção de um jornal escolar, que é nosso grande objetivo, envolve a escolha do tipo de jornal e da sua periodicidade, a organização dos que participarão e a rotina de produção, que vai da pauta à edição, passando pela apuração e pela composição dos textos. Agora, é hora de enfrentar problemas concretos que aparecerão na ação cotidiana.

Tipo e periodicidade

Ao falar de **tipo**, estamos nos referindo ao suporte das informações jornalísticas. Na atualidade, temos a atuação do jornalismo em suportes como televisão, rádio, revista, meio impresso e a Internet. Os três primeiros demandam muitos recursos e muito conhecimento técnico, por isso não são acessíveis para o jornal escolar. Os dois últimos são mais adequados, com vantagens e desvantagens cada um.

A vantagem de produzir um jornal escolar em meios digitais, seja em um *site*, seja em um *blog*, é o baixo custo e a quantidade de espaço. Já a desvantagem é que a falta

de materialidade pode fazer com que os estudantes não criem o hábito de ler e de produzir conteúdo. O que não pode acontecer é a produção de um jornal que não tenha repercussão entre os alunos. Por esse motivo, acreditamos que o suporte impresso seja o mais adequado.

Embora tenha a vantagem de estar fisicamente próximo dos estudantes, o impresso requer recursos para o papel e para a tinta da impressão. A depender da disponibilidade da escola, é possível escolher entre algumas formas de produzir um jornal impresso. A mais econômica delas é o jornal mural. Nessa modalidade, é escolhida uma ou algumas paredes da escola onde o material produzido pelo jornal ficará exposto. Essa forma ancestral de espalhar notícias é muito útil quando há poucos recursos, mas tem a desvantagem de que a leitura de alguns formatos é incômoda.

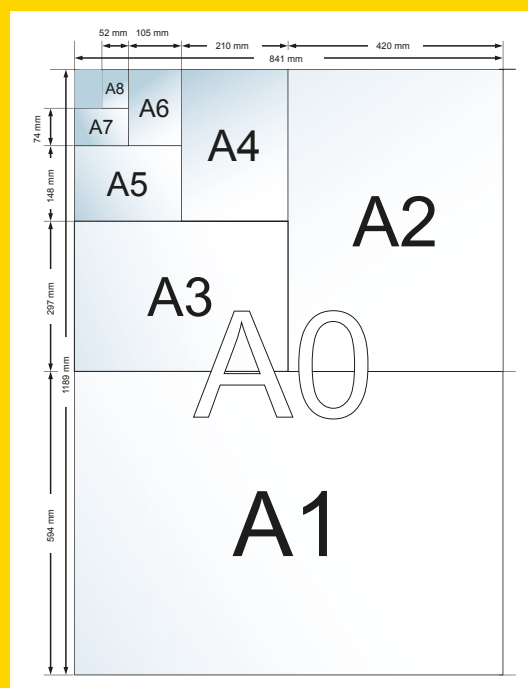
O jornal mural privilegia gêneros como as notícias e as charges, já que eles são pequenos e de rápida leitura. Certamente, poucos estudantes ficariam diante do jornal mural para ler o conteúdo de toda uma reportagem, entrevista ou artigo de opinião. Na verdade, além da disponibilidade, as atividades escolares e a quantidade de alunos tornam leituras longas incompatíveis nesse modelo. Assim, se, na sua escola, a opção mais viável for um jornal mural, capriche nas notícias e nas charges e explore a síntese para realizar outros formatos sem um texto muito longo.

A vantagem dos jornais impressos para circulação é a possibilidade de serem levados para casa, mostrados aos pais, compartilhados com colegas, usados na sala de aula e guardados para serem lidos quando o estudante desejar. Para economizar recursos ou se adaptar à disponibilidade da escola, os jornais podem ter um quantitativo máximo de folhas e adotar tamanhos como o A4 (21 cm x 29,7 cm) ou o A5 (14,8 cm x 21 cm).

Um jornal A4 de uma única folha rende para os estudantes dois lados a serem preenchidos. Para um jornal A4 com mais páginas será preciso produzir em folhas A3 (29,7 cm x 42 cm), que, ao serem dobradas, têm o tamanho equivalente ao de uma folha A4 e mais quatro superfícies.

Conhecer as dimensões das folhas é muito importante, pois ajuda a escolher o formato levando em consideração as dobras e a quantidade de superfícies de impressão que teremos para distribuir nosso conteúdo.

Confere aí!



Para se ter uma noção do tamanho do seu jornal, na imagem estão as medidas dos variados tamanhos do papel ofício, em milímetros.

Provavelmente, o jornal mais interessante para uma escola sem muitos recursos é o modelo A5, que é resultado da dobra de uma folha A4. Dobrando duas ou três, teremos um jornalzinho com oito ou doze lados, respectivamente, em que podemos dividir bem a nossa produção, além de produzir uma capa atrativa junto com o nome do jornal. A equipe pode ainda se reunir com o professor e criar um *slogan*.

Ao se optar por uma versão impressa para distribuição, um aspecto que deve ser considerado é a **tiragem**, ou seja, a quantidade de cópias que serão impressas e circularão a cada edição. Isso é importante para mensurar os custos de produção e dimensionar o tamanho da audiência que será alcançada pelo conteúdo. Além disso, imprimir cópias demais é oneroso e nada sustentável.

A **periodicidade**, por sua vez, refere-se ao ciclo de produção de cada jornal. Como os estudantes e os professores têm outras obrigações e demandas, o jornal não pode ser produzido em um tempo muito curto. Além disso, é melhor investir na qualidade do material do que em sua rapidez. Uma possibilidade é produzir edições que sejam distribuídas uma vez por mês ou uma vez a cada dois meses. Assim, há tempo para caprichar na produção e na escrita, fazer bom uso de todos os textos produzidos e conversar com os leitores antes de recomeçar o ciclo.

Essas decisões, do tipo de jornal e da periodicidade, já chamam a atenção para algo muito importante: mesmo que o protagonismo seja dos estudantes no jornal escolar, não é possível fazer essa atividade sem o auxílio de professores e gestores. Os primeiros participarão do processo como orientadores, editores, consultores e podem até contribuir com artigos, editoriais e outros formatos. Os gestores, por sua vez, serão fonte de informação e ainda ajudarão os estudantes a produzirem e distribuírem os jornais, bem como a definirem o tipo, com base nos recursos disponíveis.

Com o jornal escolar, os estudantes aprendem e desenvolvem capacidades de escrita, leitura e interpretação, além de se habituarem com discussões e com a participação política. Dificilmente será possível construir um futuro melhor sem a politização e a participação de todos os jovens. Por isso, todos os estudantes interessados devem participar, e, se a quantidade de alunos exceder o espaço disponível, é possível pensar em revezamento ou em produções em parceria.

Para os professores, o jornal pode ser um laboratório, não só para os professores de Linguagem, mas também para professores de História, Geografia, Filosofia e Sociologia, que podem enriquecer as abordagens, e professores de Ciências e Matemática, que podem trazer temas, curiosidades e dados. Os professores de Arte também podem auxiliar na produção de charges, ilustrações e imagens, assim como os professores de Informática podem contribuir para a elaboração de infográficos ou mesmo na diagramação do material.

Para+

Para saber como criar e ter ideias para o *slogan* do seu jornal, acesse o QR Code.



Como criar um *slogan inesquecível*
Forasteiro

Quando dizemos que o jornal é um laboratório, estamos afirmando que ele pode ser um espaço para todo tipo de experiência, como jogos matemáticos, metodologias de aprendizagem e muito mais. Em resumo, o jornal escolar é um veículo para tudo que possa interessar ao público da escola, por isso todos os professores devem ser convidados a contribuir.

Por fim, a gestão escolar também ganha com o jornal, pois ele é um ótimo recurso de aproximação com os pais, de união dos estudantes e de melhoria de todo o ambiente escolar. Com um jornal, a escola reforça os vínculos de pertencimento, deixando claro que é feita por todos, cada um com suas responsabilidades e limitações.

É necessário que todos se unam — estudantes, professores e gestores — a fim de formar um conselho editorial e decidir: o formato do jornal, sua periodicidade, o nome e o *slogan* e os objetivos fundamentais. Feito isso, estamos prontos para a produção.

Primeira fase: pauta

Uma reunião de pauta com uma boa equipe talvez seja uma das experiências mais impactantes da vida de um jornalista. O que acontece nessa reunião é um verdadeiro laboratório de ideias, em que todos os jornalistas expõem suas propostas para a edição seguinte e ainda entram em contato com as sugestões dos demais. Durante esse momento, ocorre uma pré-seleção dos assuntos que serão transformados em notícias, reportagens, entrevistas, artigos, entre outros.

Esse momento deve ser uma experiência colaborativa, o que quer dizer que as pessoas presentes não vão apenas apresentar suas ideias e ouvir as dos outros, mas também irão receber e dar contribuições. Esse é o momento de unir os saberes de todos: quem traz a ideia deve apresentá-la, e os demais devem opinar sobre sua aprovação ou reprovação, além de oferecer contribuições. Todos devem participar, sugerir e interferir nas ideias, pois o jornal é um trabalho coletivo de responsabilidade de todo o grupo.

O hábito da reunião de pauta deve ser estabelecido para um melhor funcionamento do jornal, seja ele escolar, seja profissional, e alinhamento das ideias. Os professores responsáveis também podem aproveitar essas reuniões para trabalhar algum aspecto ou habilidade que desejem desenvolver nos colaboradores do jornal.



Para escolher uma ideia, aprová-la, rejeitá-la ou modificá-la, serão usados os conhecimentos explorados no primeiro capítulo, quando falamos de relevância.

Antes de tudo, a reunião de pauta é uma discussão sobre a relevância de um possível conteúdo, assim como sobre sua atualidade e pluralidade. Nesse momento, discute-se o que torna a sugestão atual e quais pessoas poderão falar sobre o conteúdo.

De maneira prática, a reunião de pauta deve ocorrer sob a liderança de um editor, que participa para organizar e conduzir as discussões, mas a decisão cabe ao grupo como um todo. Na reunião, todos devem apresentar sugestões, que não precisam, necessariamente, estar bem definidas, pois as propostas serão avaliadas e uma abordagem será definida. Como sugestão, poderia ser proposta uma reportagem sobre a importância dos esportes para o desenvolvimento dos estudantes. Já que uma reportagem costuma utilizar muitas fontes, é importante definir quais pessoas seriam ouvidas. Para isso, poderia ser proposta uma entrevista com o professor de Educação Física da escola ou com algum atleta ou ex-atleta conhecido dos alunos. Também seria possível sugerir uma pesquisa entre os estudantes para saber quais esportes eles gostariam que a escola oferecesse, resultando em uma notícia ou em uma reportagem. Com esses três conteúdos, já seria possível fazer uma edição temática focando em esportes.

Além desses exemplos, é possível propor artigos refletindo sobre questões educacionais no Brasil, críticas sobre produtos culturais e ainda conteúdos sobre cultura, educação, política, saúde e muito mais. A reunião de pauta é o momento de apresentação de ideias que serão transforma-

das em produtos jornalísticos.

A quantidade de pautas necessária é proporcional ao espaço do jornal, que nesse momento já será conhecido por todos. Sabendo a quantidade de produtos jornalísticos que caberão no material impresso, não há problemas em apresentar uma quantidade maior de pautas, pois algumas ideias podem ser guardadas para ser produzidas em outro momento. Além disso, é importante ter pautas a mais, pois algumas podem não se desenvolver ou, como se diz nas redações jornalísticas, “As pautas caem!”. Uma pauta cai quando, por algum motivo, ela não consegue se transformar em produto jornalístico. Entre os motivos mais comuns, estão as fontes de que não conseguimos contato e as fontes com assuntos falsos.

Na reunião de pauta, todos os jornalistas atuarão como pauteiros, ou seja, os responsáveis pela triagem de ideias. Ainda nesse momento, há a definição de quem ficará responsável por cada conteúdo. Se não houver acordo entre os estudantes, o editor pode intervir para decidir ou sortear quem fará o quê. O ideal é que quem sugeriu a pauta não seja o responsável pela produção do conteúdo, pois assim a produção não ficará centralizada em uma só pessoa.

Depois de apresentar a ideia, discuti-la, aprová-la e definir quem será responsável por ela, o pauteiro fica encarregado de consolidar a ideia em um documento: a **pauta**. Trata-se de um documento simples, normalmente limitado a uma folha, que apresenta:

- um resumo da ideia;
- um contexto — com dados ou informações prévias importantes;
- um enfoque, ou seja, uma abordagem sugerida;

- uma lista com a(s) fonte(s) recomendada(s) e a forma mais adequada para entrar em contato com ela(s);
- uma sugestão de perguntas.

O editor-chefe deve definir uma data para que os estudantes entreguem as pautas prontas.

Resumindo, o processo de produção de uma pauta tem as seguintes fases: 1) apresentação das ideias iniciais na reunião de pauta; 2) discussão do grupo para aprovar, reprovar ou arquivar as ideias; 3) distribuição das ideias aprovadas entre os estudantes; 4) produção da pauta pelo pauteiro; e 5) entrega ao responsável por continuar o processo.

Para concluir, vejamos um exemplo de pauta:

Pauta: **Formas de combater a obesidade infantil**

Pauteiro(a): _____

Repórter: _____

Título sugerido: **Crianças precisam praticar esportes e de alimentação saudável**

Informações: A obesidade infantil é um problema da atualidade e, de acordo com dados de 2018 da Organização Mundial da Saúde (OMS), há 41 milhões de crianças acima do peso no mundo. Entre os principais motivos para isso, estão o consumo excessivo de alimentos superindustrializados e a falta de exercícios físicos. O problema não para por aí: por causa da obesidade, crianças estão desenvolvendo doenças que antes eram comuns apenas em adultos, como diabetes e hipertensão.

Enfoque: A cobertura deve procurar, com especialistas, cuidados que os pais e as crianças devem ter para evitar essa realidade.

Fontes possíveis:

1. Médico ou nutricionista (Nome: _____ /Contato: _____)
2. Professor de Educação Física (Nome: _____ /Contato: _____)
3. Estudantes que praticam esportes (Nome: _____ /Contato: _____)
4. Pessoa que mudou seus hábitos (Nome: _____ /Contato: _____)

Questões:

Médico ou nutricionista:

1. Por que a alimentação das crianças não tem sido saudável atualmente?
2. Quais comidas devem ser evitadas por crianças que estão acima do peso?
3. Quais comidas devem ser consumidas por crianças que estão acima do peso?
4. O que os pais devem fazer para as crianças se alimentarem melhor?
5. Quais problemas uma alimentação ruim pode causar?

Professor de Educação Física:

1. Qual a importância e os benefícios dos esportes para as crianças?
2. Por que muitas crianças não praticam esportes e se tornam obesas e/ou hipertensas?
3. O período de exercícios das aulas de Educação Física é suficiente para se manter saudável?

4. Há esportes certos para cada idade?
5. Como os exercícios podem ajudar a combater a obesidade e evitar a hipertensão?

Estudantes que praticam esportes:

1. Qual(is) esporte(s) você pratica e quais gostaria de praticar?
2. Por que você pratica esportes?
3. Você tem uma alimentação diferente da maioria das pessoas?
4. Para você, é mais divertido praticar esportes ou fazer atividades como jogar *videogame* e assistir televisão?
5. Quantas vezes você pratica esportes por semana?

Pessoa que mudou de hábitos:

1. Como eram os seus hábitos de alimentação e de exercícios antes e como eles são agora?
2. Por que você decidiu mudar?
3. Quem o(a) ajudou durante o processo?
4. A mudança foi boa? Por quê?
5. O que você diria para as crianças e os adultos obesos que precisam fazer uma mudança como a sua?

Segunda fase: apuração

Quando os responsáveis entregam as pautas, a segunda fase do processo é iniciada: a apuração, ou a reportagem. Enquanto o **pauteiro** é o responsável por preparar a ideia inicial e transformá-la em uma pauta, o **repórter** investiga as informações da pauta para, a partir dela, construir os produtos jornalísticos.

Nessa fase, nos dedicaremos principalmente à segurança da informação, ou seja, a investigar e responder às perguntas contidas nas pautas. Todo repórter é um pouco detetive, por isso tem questionamentos e curiosidades para solucionar.

A primeira atividade do repórter é ler a pauta com atenção, pois ela apresenta as primeiras pistas da investigação. Se julgar necessário, ele pode pesquisar mais sobre o assunto, indo além das informações iniciais apresentadas pelo pauteiro. O importante é que os conhecimentos dispostos na pauta estejam bem entendidos pelo repórter. Na sequência, é hora de entrar em contato com as fontes sugeridas ou outras equivalentes e agendar entrevistas.

É preciso fazer uma boa preparação e dar muita importância ao momento para realizar uma boa entrevista. A preparação inclui saber o que é preciso perguntar — as perguntas que constam na pauta podem ser suficientes ou, em alguns casos, precisam ser modificadas — e ter um material de entrevista à disposição. São essenciais uma boa caneta e um bloco de notas, para ir anotando à medida que a fonte for respondendo, e um gravador de voz, que pode gravar toda a entrevista, o que facilitará na hora da edição.

O ideal é deixar o gravador captando tudo, enquanto o repórter vai anotando o que considera mais importante. Não é interessante confiar apenas no gravador, pois, em caso de erros ou interferências, o repórter perderia todo o trabalho. Além disso, as anotações podem ajudar a identificar a ordem das falas desejadas.

Antes de marcar uma entrevista, o repórter deve se apresentar à fonte dizendo o nome e a escola em que estuda, além de informar que a entrevista será utilizada pelo jornal escolar. Caso haja edições antigas do jornal disponíveis, é interessante, no dia da entrevista, levar uma para presentear o entrevistado. Antes de começar a gravar, é necessário informar à fonte que vai fazer uso do gravador de voz, isso porque não é ético nem legal gravar uma pessoa sem que ela esteja ciente e autorize.

Com todos os materiais prontos, é necessário prestar atenção ao momento, pois estar muito atento ao que a fonte diz é mais importante do que qualquer dispositivo.

Uma fonte pode modificar todo o enfoque da pauta com uma informação nova, pode também nos conduzir para outras fontes, que não estavam na pauta, e até gerar novos conteúdos, mas tudo isso só será possível se estivermos atentos à entrevista. Lembre-se de que a entrevista não é um jogo de perguntas e respostas, mas uma conversa, e, quanto mais agradável for para as duas partes, mais produtiva ela tenderá a ser.

Por isso, é sempre necessário usar a boa educação, agradecendo à fonte pelo tempo que separou para atendê-lo; ao fim da entrevista, diga que as informações foram suficientes e agradeça pelo tempo e atenção. Além disso, não a interrompa enquanto ela fala e não demonstre pressa ou desatenção. Busque as respostas que precisa, mas não desvalorize as informações que surgirem.

O momento da apuração é essencial para um bom produto jornalístico, além de ser uma grande oportunidade para aprender. Elabore perguntas cuja resposta você realmente queira saber e deixe a fonte auxiliá-lo. Sobre as perguntas, há dois tipos principais: as **fechadas**, que são as que admitem apenas uma resposta predefinida, como *sim* ou *não*; e as **abertas**, que são as que precisam de mais do que isso.

Se você faz a seguinte pergunta a um nutricionista “Comer apenas salgados e



doces pode fazer mal a uma criança?”, a resposta pode ser apenas “Sim”, uma vez que esta é uma pergunta fechada. Já a mesma pergunta feita de outra forma exige uma resposta mais elaborada, como “Por que comer apenas salgados e doces pode fazer mal a uma criança?”, pois exige uma explicação, sendo uma pergunta aberta. Durante a entrevista, dê preferência às perguntas abertas, pois elas geram repostas com mais informações.

No caso de cobertura de eventos, como uma apresentação teatral da escola, uma competição esportiva ou uma festividade, os repórteres devem se preparar para estar no local dos acontecimentos, observar tudo o que acontece, pois sua observação sempre é uma fonte de informação, e realizar entrevistas básicas com o público, com os participantes e com os organizadores.

Em geral, os gêneros opinativo-argumentativos podem ser executados sem realizar entrevistas. Nesse caso, o tempo da apuração será dedicado à pesquisa do assunto e ao amadurecimento das opiniões e dos argumentos. Depois que todas as entrevistas, as observações e as pesquisas forem concluídas, o repórter terá à disposição um conjunto de informações seguras. A partir disso, entra a terceira fase.

Terceira fase: composição

Depois da apuração, é hora de produzir o material. Para isso, serão usadas todas as informações coletadas e os saberes adquiridos no Capítulo 2, quando conhecemos os gêneros jornalísticos. Em resumo, a **fase da composição** é o momento da escrita do texto e terá as exigências típicas que cada gênero requer.

Nesse momento, o repórter se transforma em redator, ou seja, o jornalista que vai redigir o texto. A mesma pessoa responsável pela reportagem deve se dedicar à escrita, isso porque realizou as entrevistas e esteve presente, observando tudo. A notícia, a reportagem e a entrevista precisam ser escritas pelo repórter, pois a experiência das entrevistas e das observações ajuda a produzir um texto melhor.

Para os que estão elaborando gêneros informativos, a composição é o momento de se voltar para as informações coletadas durante a apuração e separar trechos das falas dos entrevistados. Já os que gravaram as entrevistas podem ouvir toda a conversa novamente, a fim de transcrever os trechos mais relevantes e que estarão no texto final.

Nessa transcrição, é possível utilizar citações diretas ou indiretas. A **direta** é aquela que utiliza exatamente o que foi dito pela fonte, sem alterar nenhuma palavra e colocando todo o trecho entre aspas. Já a **indireta**, ou a **paráfrase**, é aquela que utiliza as ideias da fonte, mas não suas palavras exatas, nesse caso o texto não aparece entre aspas.

No caso da citação direta, o conteúdo aparece entre aspas para isolar o que está sendo dito pelo jornalista e o que foi dito pela fonte de informação. Para deixar clara a autoria do trecho entre aspas, o jornalista deve atribuir a fala ao emissor, algo como “disse a nutricionista Maria da Silva”, “afirmou o professor de Educação Física Carlos Sampaio”, ou, ainda, “explicou a estudante do sétimo ano Camila Santana”.

Observe o exemplo a seguir.

Após furtos em escola, crianças escrevem para ladrão: “você nos deixa tristes”

Um grupo de crianças da Educação Infantil da Escola Municipal Professor Ulisses Falcão Vieira, em Curitiba (PR), resolveu escrever uma carta pedindo para que ladrões não furtassem mais a unidade. Em 30 dias, a escola foi subtraída quatro vezes.

“Não roube a nossa escola, você nos deixa tristes, não pegue as nossas coisas ou vamos ficar sem nada”, pediram as crianças na carta, que foi elaborada com o apoio de uma professora.

Em outro trecho, as crianças colocam que a parede do pátio ficou vazia e que na hora do soninho não tem mais TV, dando a entender que o eletroeletrônico foi levado da escola.

Notícia com título-resumo.

Lide.

Citação direta: as palavras são apresentadas exatamente como estavam na carta, destacadas por aspas.

Trecho esclarecendo a autoria da citação.

Citação indireta: o jornalista reescreve o texto das crianças.

Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/apos-furtos-em-escola-criancas-escrevem-para-ladrao-voce-nos-deixa-tristes/>. Acesso em: 30/09/2019.

Nos dois casos, há uma preocupação com a fidelidade à ideia, mas na citação indireta a preocupação é maior, já que ocorre uma modificação no texto original. Para que não haja erros, em caso de dúvidas, é importante pedir ajuda ao professor de Português da escola, pois ele pode esclarecer sobre os sinônimos e sobre a equivalência de sentido entre frases.

Ainda sobre os gêneros informativos, os jornalistas devem produzir títulos que sejam o resumo do texto, curtos e que contenham verbos. São exemplos de títulos:

- “Deepfake ‘ressuscita’ cientistas mulheres para receberem prêmio Nobel” (Revista *Galileu*, 21 de fev. de 2022)
- “Grandes mineradoras têm solicitações para explorar terras indígenas brasileiras” (*Folha de S.Paulo*, 22 de fev. de 2022)
- “Quase 2 milhões de trabalhadores podem ser incluídos no PIS/Pasep” (*Agência Brasil*, 22 de fev. de 2022).

Na produção de uma notícia, o texto jornalístico fará um lide no primeiro parágrafo. No caso de uma reportagem, ele pode produzir um lide ou pode adotar outra estratégia, como iniciar com a história de uma personagem ou uma impressão do repórter. Caso o texto informativo for do gênero entrevista, o redator precisará, antes de expor as perguntas e as respostas, escrever uma apresentação do entrevistado, das suas qualificações e do assunto que será tema da conversa.

Já se o redator estiver produzindo um material opinativo-argumentativo, a composição do título e de todo o texto tem menos exigências quanto à forma. O importante é conseguir diferenciar a função de cada gênero. Recapitulando:

- o editorial expressa a opinião do jornal;
- o artigo apresenta a opinião e os argumentos do autor do texto sobre um tema atual e relevante;
- a crítica faz uma avaliação de um produto cultural;
- a crônica traz a narrativa de uma experiência subjetiva;
- a charge é um gênero que utiliza imagens para expressar opiniões e fazer críticas.

Sobre a produção dos textos, é importante enfatizar que o jornalismo é um ramo da comunicação social, por isso é dever de todo jornalista, profissional ou amador, preocupar-se em produzir o conteúdo mais simples, direto e claro que conseguir. Em outras palavras, o foco dos textos jornalísticos nunca deve estar nas preferências do escritor, mas nas necessidades e capacidades dos leitores.

Depois de apresentar as informações e as opiniões de maneira clara, simples e direta — atentando para as exigências dos formatos e para as características gerais do jornalismo: relevância, segurança, pluralidade e atualidade —, o trabalho estará quase concluído. Falta apenas tirar o texto do isolamento e fazê-lo ser parte de um todo, uma das tarefas mais importantes da fase seguinte.

Quarta fase: edição

Na pauta, na apuração e na composição, fomos auxiliados pelas características gerais do jornalismo e pelo conhecimento dos gêneros. Na fase de edição, entraremos em contato com um conhecimento totalmente novo. Esse é o momento de assegurar a qualidade dos textos e uni-los para formar um jornal.

Quando o repórter/redator entrega o texto pronto para o jornalista seguinte, o editor, inicia-se o processo de edição. Os jornais costumam ter profissionais específicos para cada seção e ainda um editor-geral. O editor de seção é o responsável por uma área específica do jornal, como esportes, cultura ou educação. Já o editor-geral é o responsável pela organização final, logo antes de mandar o jornal para a impressão.

No jornal escolar, pelo menos nas edições iniciais, é importante que as funções de editor sejam exercidas ou auxiliadas pelos professores. Isso ajudará a garantir a qualidade do texto e a progressão da edição, ao mesmo tempo que elevará o aprendizado dos membros do jornal, que aprenderão, na prática, sobre a correção e coerência dos seus textos, a compreensão dos gêneros textuais, a argumentação e os processos de comunicação.

No primeiro momento da edição, ocorre a revisão do material escrito. E é aí que os editores de cada seção leem os textos, checam a informatividade dos títulos e dos lides, observam se as frases estão claras, com sentido e simples de compreender. Caso seja

necessário, eles fazem modificações ou sugerem aos redatores que refaçam alguma parte do material.

Depois da revisão dos textos, os editores das seções devem retomar os conhecimentos sobre a relevância para decidir em que posição acreditam que cada conteúdo deve ficar. Para isso, devem considerar qual é o conteúdo mais relevante e também qual conteúdo contribui para a compreensão do outro. Em alguns momentos, por exemplo, uma entrevista com um especialista pode ajudar a entender uma realidade e preparar o público para uma reportagem que vem em seguida. Em outros momentos, pode ocorrer o oposto: uma reportagem pode apresentar um assunto e uma entrevista ou artigo pode trazer mais detalhes ou discussões.

A decisão da ordem de aparição dos conteúdos cabe ao editor, além das funções de resumir textos muito longos, selecionar imagens, produzir legendas e sugerir boxes e olhos, caso julgue necessário.

O termo **boxe** vem do inglês *box*, que significa **caixa**. No jornalismo e em outras áreas, é uma pequena caixa que pode conter uma curiosidade sobre o assunto, uma explicação, uma sugestão de leitura, entre outros conteúdos que não fazem parte do texto principal, mas que se relacionam com ele e ocupam uma posição de destaque, por isso aparecem emoldurados.

Já **olho** é o nome dado para um recurso jornalístico de destaque de alguma parte importante do texto. Além de o trecho estar presente ao longo do texto, o editor pode selecionar um pequeno pedaço dele para aparecer também em destaque, em fonte maior e dentro de uma pequena janela. Essas ferramentas são importantes para romper com o excesso de texto e tornar as páginas do jornal visualmente mais leves.

Os textos revisados, com fotos e outros recursos visuais, somados à recomendação da ordem, seguem dos editores de seção para o editor-geral. Essa parte do trabalho é responsável por deixar o jornal pronto para a impressão, o que inclui ajustar títulos, ordenar e recortar textos. É o editor-geral quem costuma escrever o editorial, uma vez que esse gênero pode servir para orientar a leitura, explicando previamente o que a edição do jornal oferecerá.

O editor-geral é o responsável por definir a capa do jornal, e essa definição é essencial, pois ela é a primeira parte de todo o trabalho que será vista. Entre as partes fundamentais de uma capa, estão o cabeçalho do jornal, que deve incluir o nome, o número da edição e o período de circulação correspondente. Na parte noticiosa, a capa apresenta uma **manchete**, que é o título do conteúdo considerado o mais relevante da edição. Esse título é escrito em letras grandes para chamar a atenção do leitor.

Para+

Para inovar no *design* do seu jornal com as caixas de texto flutuantes, acesse o código a seguir.



Word 365 – Completo
#21 – Caixas de texto
É Tempo de Aprender



Ox0 para Altos x Sport não foi placar. Foi nota

Página 10



Náutico cede empate e fica no 2x2 com o Afogados

Página 10

Rússia e Ucrânia vão negociar trégua

Após três dias de combate, e depois da União Europeia enviar armas para a Ucrânia, Rússia propõe encontro para tentar fim da guerra

Páginas 2 e 3



DEFESA Soldados ucranianos estão dificultando ação de russos em principais cidades



E isso porque está proibido...

Olinda viveu "domingo de Carnaval" com muita gente na rua - alguns, inclusive, fantasiados para a folia de Momo. Estado pode anunciar flexibilizações hoje. Página 5

Armando cotado ao Senado na chapa de Raquel Lyra

Página 4

Lula desorganiza eleição, aponta Adriano Oliveira

Página 9

TSE de olho em campanha nas redes sociais

Página 4



Famílias de Petrópolis vão receber benefícios

Página 7

Um Bloco da Saudade inteiro

Nome de tradicional bloco nunca fez tanto sentido. Folia ferrenha, dona Gildete (foto) vai dançar na sala de casa este ano. Página 6

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO LEITOR
(081) 3413.6100

DEPARTAMENTO COMERCIAL
(081) 3413.6800

NOSSAS OUTRAS MÍDIAS
JC NA WEB : www.jc.com.br
@jc_pe

NO TWITTER : @jc_pe
NO FACEBOOK : jornaldocomercioPE

NO INSTAGRAM : @jc_pe
NO MOBILE : @jc.com.br

Reprodução.

Na capa dessa edição do *Jornal do Commercio*, podemos observar a manchete e algumas amostras do conteúdo que o leitor encontrará.

A manchete pode ser acompanhada de um resumo do conteúdo e da localização da página ou da seção em que o leitor poderá ler o texto completo. Além da manchete, a capa também pode apresentar outros títulos em tamanhos menores e fotos de boa qualidade. A depender da quantidade de páginas disponíveis no jornal, pode ser necessário expor conteúdos já na primeira página, eliminando a manchete e as chamadas para as notícias.

O editor também pode selecionar textos externos, como redações de estudantes da escola, revisadas pelo professor de Português, para serem utilizadas como artigos jornalísticos; e textos fictícios, também de estudantes, desde que identificados como ficção. Além de buscar informações jornalísticas que possam ser interessantes para os estudantes, pode haver também conteúdos literários, como poesias e pequenos jogos. O importante é que o jornal seja construído para atender aos estudantes, informando-os e divertindo-os.

Uma boa parte do trabalho de edição inclui aspectos visuais, como fazer o jornal ficar bonito e condizente com a identidade visual prévia. O que quer dizer que os jornais costumam ter uma aparência-padrão, um nome, uma ou algumas fontes tipográficas, um tamanho para a fonte, uma quantidade de colunas. Esse padrão deve ser seguido, pois ele faz com que o jornal crie uma identidade visual e seja reconhecido por ela.



Representação de um projeto gráfico de jornal. Aqui podemos observar diversos recursos gráficos, como os títulos, os olhos (frase ou um trecho do texto em destaque na página) e as imagens.

A parte visual da edição não é uma responsabilidade exclusiva do editor, pois os diagramadores também atuam nela. Eles são os responsáveis por distribuir texto e imagem nas páginas do jornal, seguindo as orientações do editor, a identidade do jornal e outros

cuidados voltados para a legibilidade, a beleza e a estrutura final.

No nosso jornal escolar, não é preciso ter uma preocupação muito grande com o ineditismo da diagramação. Na Internet, é possível encontrar modelos editáveis e programas de computador gratuitos que auxiliam nessa tarefa. Quando os diagramadores terminam o trabalho e o editor aprova o resultado, o jornal está pronto para a impressão.

Razão de tudo: distribuição e realimentação

Depois da impressão, precisamos pensar também na montagem, na distribuição e na realimentação do processo produtivo. Nesse momento, você já está bem perto de ver o texto sendo lido e apreciado por toda a escola.

A montagem inclui dobrar, colar ou grampear o material; e a distribuição diz respeito à disposição das edições nos espaços em que os estudantes possam vê-las e pegá-las. Tudo isso é bastante simples e prático, mas não pode ser negligenciado. A experiência de leitura de um jornal inclui desde o texto e as imagens até a diagramação e os espaços em que ele ficará disponível.

Por fim, quando o jornal já estiver nas mãos dos leitores, devemos manter nossos olhos e ouvidos bem abertos. É interessante notar quais conteúdos foram os preferidos, os que geraram mais comentários e se disponibilizar para falar com pessoas que tenham elogios, críticas ou sugestões para a nova edição.

Depois de todo esse processo, é possível notar que fazer um jornal não é tão simples, mas você perceberá também que o esforço vale a pena. Toda a dedicação à reunião de pauta, à reportagem, à composição e à edição voltam em forma de conhecimento, notoriedade e diversão. É emocionante estar do lado contrário, não só lendo os conteúdos, mas também participando da produção. Essa emoção será ainda maior porque você poderá compartilhar esses momentos com os seus amigos.

Ao longo do processo de produção, você não estará apenas coletando informações, entrevistando pessoas e selecionando palavras; você participará da construção da realidade que está à sua volta. Também descobrirá que fazer um jornal é uma forma única de contar histórias; mais do que isso, é uma forma de viver histórias e de ajudar a criar a história que queremos.



Antes de concluir, vamos revisar as fases e ver o que os profissionais farão para o jornal escolar tornar-se realidade:

1. Pauta

- Pesquisa de temas.
- Discussão dos temas na reunião de pautas.
- Distribuição dos temas para os repórteres.
- Produção da pauta.

2. Reportagem

- Estudo da pauta.
- Agendamento das entrevistas ou observações.
- Preparação das entrevistas.
- Realização das entrevistas, pesquisas e observações.

3. Composição

- Transcrição das entrevistas.
- Separação das informações mais importantes.
- Escrita do texto conforme o gênero.

4. Edição

- Revisão do material vindo dos repórteres.
- Seleção de imagens e outros recursos visuais.
- Determinação da ordem dos conteúdos.
- Redução do conteúdo ou expansão com boxes e olhos.
- Produção do editorial.
- Definição da capa.
- Diagramação.

5. Impressão

- Montagem.
- Distribuição.

Jornalistas envolvidos no processo

- **Pauteiro:** Responsável por produzir a pauta, levando em consideração as discussões do grupo.
- **Repórter:** Responsável por ir a campo apurar as informações contidas na pauta e descobrir outras a partir de entrevistas, pesquisas e observações.
- **Redator:** Função desempenhada pelo repórter depois da apuração, diz respeito à composição dos textos segundo o gênero e as informações prévias.
- **Editor de seção:** Responsável por corrigir os textos e os títulos dos redatores, além de selecionar fotos e outros recursos visuais, estabelecer uma ordem de prioridade e enviar o material para o editor-geral.
- **Diagramador:** Função responsável por ajustar o texto, já reduzido pelos editores, ao espaço disponível no jornal. Os diagramadores devem se preocupar com a qualidade das imagens e com a manutenção de uma identidade visual.
- **Editor-geral:** Responsável pela montagem final do jornal, pela organização de todos os textos, pela produção da capa, pela escrita do editorial (função que pode ser oferecida a outro jornalista), pela observação final do trabalho dos diagramadores e pela ordem de impressão.



Agora é sua vez!

- 1.** A reunião de pauta é o momento em que a produção do jornal efetivamente começa, pois é nela que o grupo apresenta e discute as ideias que passarão pelo processo de produção até se transformarem em notícias, reportagens, entrevistas, bem como artigos, críticas ou charges.

Para produzir pautas é necessário fazer pesquisas prévias e estar atento aos assuntos que estão sendo comentados, às necessidades dos estudantes, às insatisfações e às mudanças que precisam ser explicadas. Por fim, as pautas também podem abordar realidades que são importantes, mas não costumam receber a atenção devida.

Para praticar a elaboração de pautas, escolha um dos temas a seguir e desenvolva uma pauta seguindo a estrutura previamente apresentada.

Temas:

- I. Quando é hora de começar e escolher uma profissão? Como escolher?
- II. A moda tem influência na maneira como os estudantes se vestem?
- III. Celular em sala de aula: o que pensam os professores?
- IV. Como reduzir o impacto ambiental produzido em sua casa?

Pauta:

Pauteiro(a):

Repórter:

Título sugerido:

Informações:

Enfoque:

Fontes possíveis:

(Nome: _____ /Contato: _____)

(Nome: _____ /Contato: _____)

(Nome: _____ /Contato: _____)

Questões:

Fonte 1

Fonte 2

Fonte 3

Fonte 4

Fonte...

2. A reportagem, ou apuração, é o momento da produção no qual o jornalista vai em busca de fontes capazes de responder às suas perguntas, de realidades a serem observadas ou de histórias a serem conhecidas. O material apurado durante a reportagem será a matéria-prima da fase seguinte, a composição, por isso é necessário dedicação e atenção a essa fase de coleta. Sobre as reportagens, analise as proposições a seguir.

- I. Em situações conflituosas ou com divergências de opiniões, os repórteres devem se comprometer em ouvir todos os lados, mas podem escolher falar do que lhe parecer mais convincente.
- II. O momento da apuração é a fase em que mais se exercita a preocupação com a segurança das informações. As entrevistas, as observações e as pesquisas servem justamente para buscar informações seguras e outros pontos de vista possíveis.
- III. Durante a apuração, os repórteres têm perguntas a fazer e respostas a obter. Nessa fase, mesmo depois da pesquisa de pauta, é possível que mudanças inviabilizem a produção e interrompam a ação do repórter.
- IV. Na produção de uma reportagem, o jornalista responsável pode apurar informações fazendo uso de outros procedimentos além da entrevista. Ele pode, inclusive, acrescentar sua opinião pessoal, desde que fundamentada.

Está(ão) **correta(s)**:

- a) Todas as proposições.
- b) II e III.
- c) Apenas II.
- d) I, II e III.
- e) II, III e IV.

3. No processo de produção de um jornal, a composição é o momento em que os textos são produzidos, como resultado de pesquisas e da apuração, em coerência com as características do formato adotado. A fim de exercitar esses conhecimentos e a sua escrita, atenda ao que pedem os itens a seguir.

a) Redija uma notícia a partir das seguintes respostas ao lide:

Quem? – Professora Cristina Alves (Sociologia).

O quê? – Recebeu o *Prêmio Naíde Teodósio*.

Quando? – O resultado foi divulgado hoje (momento em que você escreve).

Por quê? – Pela experiência pedagógica adotada na escola durante o primeiro semestre do ano (ano em que você escreve).

Como? – A professora realizou um projeto de estudo de gênero unindo leitura de textos e aplicação dos conhecimentos para parodiar músicas populares e reenencenar cenas de filmes.

- b) Depois de produzir a notícia, sugira formas de utilizar a informação como ponto de partida para a produção de uma reportagem sobre questões de gênero no ambiente escolar. Sugira outras fontes, além da professora, e um enfoque para a nova pauta.
- c) Imagine que, diante da notícia sobre a premiação e sobre a reportagem, seu editor pediu que você elaborasse um boxe apresentando a patrona da premiação. Sua tarefa é pesquisar sobre a vida de Naíde Teodósio e escrever um pequeno texto de apresentação.
- d) Por fim, pesquise sobre estereótipos de gênero no cinema e escreva uma crítica avaliando a existência desses estereótipos em algum filme oferecido para sua faixa etária.
4. O processo de edição recebe os textos já prontos. Ainda assim, ele inclui algumas subfases até que o material esteja pronto para impressão. Uma das tarefas do editor é assegurar a qualidade do texto, bem como a sua simplicidade e a sua clareza. Nos textos a seguir, atue como um editor, solucionando os problemas apontados e identificando as partes do lide.



Lei Paulo Gustavo de incentivos à cultura

O Plenário da Câmara dos Deputados aprovou, nesta quinta-feira (24), projeto de Lei Complementar, de autoria do Senado Federal, que direciona R\$ 3,86 bilhão do superávit financeiro do Fundo Nacional de Cultura (FNC) a estados e municípios para fomento de atividades e produtos culturais em razão dos efeitos econômicos e sociais da pandemia de covid-19.

Devido a alterações, o projeto de Lei Complementar tem que ser analisado pelo Senado Federal, que é autor da proposta.

O repasse dos recursos poderá ser feito até 31 de dezembro de 2022, mas, se houver algum impedimento em razão de ser ano eleitoral, o prazo será automaticamente prorrogado pelo mesmo período no qual não foi possível usar o dinheiro.

A proposta vai dar apoio aos produtores culturais com recurso da União aos estados e municípios. Os recursos são todos de fundos financiados pelo próprio setor cultural e que, atualmente, estão contingenciados pelo governo.

Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/camara-aprova-lei-paulo-gustavo-de-incentivos-a-cultura-texto-volta-ao-senado/>. Acesso em: 28/02/2022. Adaptado.

Quem? – _____

O quê? – _____

Quando? – _____

Onde? – _____

Por quê? – _____

Como? – _____



SUS pretende agilizar atendimentos

O ministro da Saúde afirmou, em entrevista à Agência Brasil, que o programa Conecte SUS, em fase de testes no Estado de Alagoas, é o primeiro passo para informatizar e modernizar a rede de atendimento do Sistema Único de Saúde, o SUS.

A iniciativa cria uma rede nacional de dados que permite que usuários do SUS tenha perfis acessíveis por qualquer profissional de saúde. Dessa forma, todos os procedimentos e recursos utilizados por esses pacientes estarão disponíveis em um banco *online*. De acordo com o ministério, dados como vacinação, procedimentos cirúrgicos, exames, consultas regulares e medicamentos prescritos constaram na ficha médica do paciente.

De acordo com o ministro, o uso de tecnologia para criar filtros e estabelecer parâmetros nos atendimentos aumentará as filas de espera e, também, auxiliará na distribuição de recursos estaduais e municipais de forma mais inteligente. A expectativa do ministro é de que os estados brasileiros esteja ligada ao Conecte SUS até o final de 2021.

Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2019-11/sus-pretende-usar-inteligencia-artificial-para-agilizar-atendimentos>. Acesso em: 28/02/2022. Adaptada.

Quem? _____

O quê? _____

Quando? _____

Onde? _____

Por quê? _____

Como? _____

5. A produção de um jornal é uma tarefa conduzida por jornalistas, mas, além disso, essa atividade profissional pode ser subdividida em fases e funções específicas, respectivamente. No quadro a seguir, relacione a função ou a fase de produção à sua descrição.

Fase/Função

- I. Pauta
- II. Reportagem
- III. Composição
- IV. Edição
- V. Pauteiro
- VI. Repórter
- VII. Redator
- VIII. Editor

Descrição

- () Responsável por realizar as entrevistas e executar observações.
- () Fase responsável por checar a qualidade dos textos e organizá-los em relação com os demais.
- () Responsável por fechar a edição e hierarquizar os conteúdos.
- () Documento resultante da fase que, por excelência, defende a relevância.
- () Momento de escrita do texto jornalístico.
- () Função que requer apresentação das ideias e defesa de temas a serem incluídos no jornal.
- () Jornalista responsável por produzir o texto, após a fase de reportagem.
- () Fase que busca garantir a segurança da informação dos conteúdos.

O fim e o recomeço



Nos primeiros capítulos, foram apresentadas as características gerais do jornalismo e os gêneros mais utilizados para informar e para discutir ideias. Depois disso, foram abordadas as quatro fases do percurso de produção de um jornal: a reunião de pauta; o processo de apuração; o tempo para escrever os textos; e o trabalho editorial, para aproximar e encaixar todos os textos na edição final.

Ainda há muito o que aprender sobre o processo de produção de um jornal, os desafios da elaboração de informação e o cotidiano de um jornalista, mas esses saberes virão com a prática. Como tudo na vida, a experiência do fazer é única, desafiadora e fonte de muito conhecimento. Você não aprenderá apenas nas primeiras edições nem chegará o momento em que saberá tudo, cada edição trará provocações e todas elas terão algo de valioso para ensinar.

bizvector/stock.adobe.com



Ao dizer que precisamos aprender com o fazer cotidiano, não estamos dizendo, de forma alguma, que os conhecimentos já vistos podem ser ignorados ou que são menos importantes. No jornalismo profissional, ainda é comum que jornalistas mais velhos digam aos mais jovens para esquecer tudo o que aprenderam na universidade e nos livros, já que só a prática ensina o “jornalismo de verdade”.

Essa orientação não deve ser seguida, porque a ideia de “jornalismo de verdade” é falsa, e a prática separada de uma reflexão tem levado o jornalismo a uma crise de qualidade e de confiança.

Certamente, é preciso adaptar o jornalismo (amador ou profissional, com muitos ou com poucos recursos) à realidade de produção, e é justo que os jornalistas do cotidiano critiquem os estudiosos. Mas essa adaptação tem limites. A compreensão das barreiras que podem ou não ser ultrapassadas depende da reflexão teórica e do conhecimento dos processos, em parceria com a prática. Em outras palavras, não é hora de deixar os saberes aprendidos de lado, mas exercitá-los no dia a dia.

Na prática, o jornal escolar pode decidir que alguns alunos serão apenas pauteiros, outros serão repórteres e redatores, outros se encarregarão apenas da edição e da diagramação. Pode também não manter posições fixas e alternar os estudantes em todas as funções. É possível definir a quantidade de páginas, o objetivo geral, se uma edição será ou não temática. Assim como se o jornal terá apenas conteúdo informativo e muitas outras disposições.

O que não pode ser feito, por exemplo, é decidir ignorar a apuração, a fim de fazer o jornal mais rápido, ou negar o direito de fala, inventar conteúdo ou ignorar as necessidades informativas do público.

Se algum desses elementos for deixado de lado, não estaremos diante de uma escolha, estaremos diante do não jornalismo. Por isso, é importante aprender com a prática, mas sem desconsiderar os saberes iniciais e as obrigações essenciais do jornalista.

Para ajudar a entender as responsabilidades, vamos organizar um pequeno código de ética para o seu jornal escolar inspirado e adaptado no *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros*, desenvolvido pela Federação Nacional de Jornalistas.



Pequeno Código de Ética dos Jornalistas Amadores

Princípios iniciais

I. O jornal escolar e os seus produtores se comprometem com relatos verdadeiros.

Para isso, é obrigatório caprichar na apuração e na divulgação, para que sejam o mais esclarecedoras possível. Assim, o jornalista amador não pode disseminar fatos não investigados ou aqueles que ainda pareçam duvidosos. Quanto ao texto, é preciso reduzir as possibilidades de má interpretação com frases simples, diretas e claras.

Ainda assim, é possível que existam erros de apuração ou conteúdos passíveis de dupla interpretação. Nesse caso, é compromisso dos jornalistas amadores disponibilizar, na edição seguinte, um espaço para indicar o erro ou solucionar o mal-entendido. É comum que erros aconteçam e que sejam corrigidos em seções como a *Erramos* até nos jornais profissionais.

II. O jornalista é responsável por toda informação que divulga.

Esse princípio reforça a necessidade da apuração. O jornalista amador não pode se apressar em divulgar algo, mesmo que pareça relevante, com a desculpa de que confiou nas informações da fonte. Também é importante procurar fontes confiáveis, algumas fontes podem mentir de propósito, também é possível que fontes errem por desconhecimento. Nas duas situações, a responsabilidade pelo conteúdo publicado continua sendo do jornalista.

III. Todos são inocentes até que se prove o contrário.

Por esse princípio constitucional, que vale para o jornal e para a nossa vida, não devemos condenar alguém porque há uma aparência de culpa. O mais adequado é esperar que os acontecimentos se desenrolem, bem como sempre oferecer chances para que as pessoas se expliquem.

IV. A opinião declarada nos meios de comunicação deve ser exercida com responsabilidade.

Essa orientação vale, principalmente, para os textos opinativo-argumentativos, mas não apenas. Por mais que os jornalistas possam expor o que pensam diretamente ou expor a opinião das fontes entrevistadas, essa manifestação deve respeitar a individualidade, a democracia e os valores constitucionais.

Com isso, estamos dizendo que a liberdade de manifestação não é uma desculpa para ofensas ou desrespeitos. Assim, tanto nos textos opinativo-argumentativos quanto nos textos informativos e discursivos, posições que sejam desrespeitosas, antidemocráticas ou violentas de qualquer forma devem ser evitadas.

Por fim, é importante reforçar que as opiniões declaradas não são o problema. Pensar diferente, discutir e apresentar conflitos de ideias é importante para a formação das

peças e para a sociedade, o problema é utilizar ofensas ou tratar como inimigo qualquer pessoa que pense diferente. Nesse sentido, o jornal escolar deve se comprometer com o conflito e com o seu tratamento argumentativo, ou seja, o que está em disputa são as ideias e os argumentos, não as pessoas e os seus direitos: estes são inalienáveis.

Depois desses princípios gerais, que devem conduzir toda a produção, podemos expor um conjunto de deveres e proibições mais específicos.

Deveres dos jornalistas

1. Divulgar fatos, informações e discussões que sejam importantes para os estudantes.
2. Defender a liberdade de pensamento e de expressão e utilizar o jornal a esse serviço.
3. Não colocar em risco a integridade das fontes e dos colegas de jornal.
4. Respeitar a intimidade, a privacidade e a honra de outros jornalistas e das fontes.
5. Respeitar o direito autoral e intelectual de outros jornalistas e das fontes.
6. Defender os direitos e os deveres da democracia.
7. Combater injustiças e práticas prejudiciais, mesmo que sejam comuns.

Proibições dos jornalistas

1. Desrespeitar qualquer um dos deveres previamente mencionados, bem como desconsiderar as características gerais do jornalismo.
2. Impedir a manifestação de opiniões ou a exposição de fatos.
3. Usar o jornalismo para incitar violência, crimes, preconceitos ou intolerância.
4. Valer-se da condição de jornalista para conseguir vantagens pessoais.

Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em: 28/02/2022.

Por ser um jornal escolar e de proximidade, dois compromissos precisam ser reforçados: a transparência das suas práticas e a participação.

Eles trazem consequências (1) para o modo de fazer; (2) para a função atribuída ao jornalismo; e (3) para o modo de perceber o público. Sobre o modo de fazer, a transparência e a participação estimulam ações abertas para a apreciação de todos. Isso não quer dizer que, durante o cotidiano de produção, é preciso avisar ao público sobre cada passo dado, mas significa que as decisões tomadas devem ser justificadas ou esclarecidas, caso sejam requeridas.

Mesmo que o seu jornal escolar tenha uma equipe fixa de participantes, isso não quer dizer que vocês serão os donos do jornal. Ele não pertence aos produtores, aos professores nem aos gestores da escola. O jornal é de todos, incluindo os envolvidos na sua produção e os seus leitores. Por isso, todos os que desejarem saber mais sobre a rotina de produção devem ter acesso às informações solicitadas.

Ao permitir acesso ao modo de fazer, a transparência e a participação se comprometem ainda com a função educativa do jornalismo. Além de informar e sediar discussões, o jornal escolar busca a formação dos estudantes para que possam discutir com qualidade. Assim, é necessário adotar uma postura didática em relação a questões complexas, além de expor os critérios utilizados na produção.

Saber sobre a relevância, a segurança, a pluralidade e a atualidade não importa apenas aos que produzem um jornal, mas a todas as pessoas. Isso porque, com uma sociedade educada quanto à mídia, é muito mais fácil criar uma cultura de reivindicação por qualidade.

Dessa forma, a transparência e a proximidade modificam também a forma como o público é compreendido. No lugar de ser visto como um simples receptor, ele é concebido como o controle de qualidade de toda a produção. As pessoas devem estar preparadas para ser exigentes quanto aos seus veículos de comunicação, o que requer entender o que o jornalismo é, como ele funciona e quais são as suas funções em uma sociedade. A partir desses conhecimentos, o público pode identificar falhas e exigir melhorias.

Este pequeno livro foi produzido compreendendo que estimular a produção de um jornal escolar é parte dessa preparação da sociedade. Em outras palavras, acreditamos que, ao assumir a tarefa de produzir um jornal escolar, você não gera benefícios apenas para a sua formação e para os processos comunicativos da sua escola, mas também contribui com a formação de uma parcela da sociedade a respeito do jornalismo e da sua função.

É bem verdade que nenhuma iniciativa, por mais bem-intencionada que seja, pode trazer mudanças para toda a sociedade. Mas as iniciativas podem engajar pessoas e oferecer novas formas de lidar com o mundo. Assim, esperamos que o seu jornal escolar seja um desses espaços de transformação, em que ocorra a livre circulação de ideias, a curiosidade, o respeito, as discussões e o crescimento.



PureSolution/stock.adobe.com



Referências

AQUARIUS. Direção de Kleber Mendonça Filho. Recife: Cinemascópio, 2016. 1 DVD (146 min).

BAHIA, Benedito Juarez. *Jornal, história e técnica*. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

BRUM, Eliane. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago, 2006.

FEITOZA, Liliane do Nascimento Santos. *Relevância jornalística: análise e teste de ferramenta para fins de avaliação de qualidade e accountability*. 2016. 198 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

FEDERAÇÃO Nacional dos Jornalistas. *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros*. 2007. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/01/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros.pdf>. Acesso em: 28/02/2022.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais*. São Cristóvão: Editora Universidade Federal de Sergipe/Fundação Oviedo Teixeira, 2005.

GUERRA, Josenildo Luiz. Qualijor – Sistema de gestão da produção jornalística orientado para a qualidade editorial: pesquisa aplicada e de desenvolvimento experimental em jornalismo. *Revista Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós*, Brasília, v.19, n.3, set./dez. 2016.

GUERRA, Josenildo. Sistema de Gestão de Qualidade aplicado ao Jornalismo: possibilidades e diretrizes. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós*, Brasília, v.13, n.3, set./dez. 2010.

MEDINA, Cremilda. *Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo: Summus, 2012.

MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. 6. ed. São Paulo: Summus, 1988.

MEDINA, Cremilda. *Entrevista: o diálogo possível*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2008.

PEREIRA Jr., Luiz Costa. *Guia para a edição jornalística*. Petrópolis: Vozes, 2006.

SEIXAS, Lia. *Redefinindo os gêneros jornalísticos: proposta de novos critérios de classificação*. Covilhã: LabCom, 2009.